



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Denise Elvira Araujo Dartora

**Fotografia – um novo olhar do mundo:  
Um estudo em uma Escola de Ensino  
Fundamental em São Francisco de Paula**

outubro de 2015



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Denise Elvira Araujo Dartora

**Fotografia – um novo olhar do mundo:  
Um estudo em uma Escola de Ensino  
Fundamental em São Francisco de Paula**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Ciências da Educação  
Área de Especialização em Tecnologia Educativa

Trabalho realizado sob orientação do  
**Professor Doutor António Osório**  
e da  
**Professora Doutora Ana Maria Accorsi**

outubro de 2015

Nome: Denise Elvira Araujo Dartora  
Endereço eletrônico: denise.dartora58@gmail.com  
Telefone: 54-96708550

Título: Fotografia - um novo olhar do mundo: um estudo em uma escola de Ensino Fundamental em São Francisco de Paula

Orientador: Professor Doutor António José Osório (UMINHO)  
Professora Doutora Ana Maria Accorsi (UERGS)

Ano de conclusão: 2015

Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em Tecnologia Educativa

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, \_\_\_\_ Outubro de 2015

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

Concluído este trabalho, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que de algum modo contribuíram para a sua concretização:

-A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

-Aos meus orientadores, professora Doutora Ana Maria Accorsi (UERGS), pelo suporte, pela paciência, pelas suas correções e incentivos, sempre generosa.

- Ao Professor Drº Antonio José Osório (UMINHO), pelos conselhos dados durante o trabalho.

-Ao meu marido José Carlos e meu filho Fabio pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

-A minha cunhada Maria Tereza Machado, que me ajudou nas horas mais difíceis sem medir esforços.

- A todos os meus colegas do Mestrado, pelo incentivo.

-E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta minha trajetória, o meu muito obrigado!



## **Resumo**

O presente trabalho apresenta o resultado da proposta indisciplina de comportamento de uma turma de vinte e quatro alunos do 8º ano da pesquisa sobre a utilização da tecnologia da fotografia como recurso tecnológico na intervenção da em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de no município de São Francisco de Paula, no estado do Rio Grande do Sul.

O propósito do projeto pretendeu estimular os interesses na aprendizagem interdisciplinar dos estudantes desse ano através da fotografia. O objetivo geral é, portanto, analisar de que forma a utilização da fotografia como material pedagógico pode contribuir na redução da indisciplina escolar quando aplicada em processos de ensino e aprendizagem. Antes da aplicação prática do projeto, foi aplicado um questionário junto aos alunos, gestora e professores, tentando verificar as crenças dos mesmos sobre o nível de indisciplina na escola e as formas que o estabelecimento está usando para minimizá-la. A aplicação prática teve como intenção levar os estudantes a tirarem fotos com seus aparelhos celulares que mostrassem suas diferentes visões de mundo; selecionassem as que gostariam de expor e promovessem uma exposição de fotos na escola.

Como resultado deste trabalho, encontrou-se evidências de desenvolvimento de autonomia, motivação e cooperação e, ainda, verificou-se que a fotografia, como recurso tecnológico na sala de aula, auxiliou no desenvolvimento de novos interesses dos alunos do 8º ano.

**Palavras Chaves:** Tecnologia Educativa. Indisciplina. Fotografia.



## **Abstract**

This paper presents the results of the proposed research on the use of such technological feature photography technology in the intervention of the behavior of indiscipline in a class of twenty-four students from the 8th year in a Municipal Elementary School in the municipality of San Francisco Paula, in the state of Rio Grande do Sul.

The purpose of the project intended to stimulate interest in interdisciplinary student learning this year through photography. The overall objective is therefore to examine how the use of photography as teaching materials can contribute to the reduction of school indiscipline when applied to teaching and learning processes. Before the practical implementation of the project, a questionnaire was administered to the students, management and teachers trying to verify the beliefs of each other on the level of indiscipline in school and the ways that the establishment is using to minimize it. The practical application was intended to lead students to take pictures with their cell phones that showed their different worldviews, selecionassem those who would like to exhibit and promoted an exhibition of photos at school.

As a result of this work it was found evidence of development of autonomy, motivation and cooperation, and also found that photography as a technological resource in the classroom helped develop new interests of 8th graders.

**Key words:** Educational Technology. Indiscipline. Photography.





## **Índice**

<b>Índice deFotos.....</b>	<b>xi</b>
<b>ÍndicedeGráficos.....</b>	<b>xii</b>
<b>Índice de Tabelas .....</b>	<b>xiii</b>

<b>Capítulo I - Introdução .....</b>	<b>1</b>
--------------------------------------	----------

<b>Capítulo II – Marco Teórico.....</b>	<b>5</b>
---	----------

2.1 Sociedade Contemporânea .....	7
2. 2 A Educação na Sociedade Contemporânea .....	8
2.3 (In) Disciplina .....	11
2.4 Uso da Tecnologia em Ambiente Escolar .....	18
2.5 Uso da Imagem (Fotografia) como Apoio Pedagógico.....	22

<b>Capítulo III – Metodologia .....</b>	<b>31</b>
---	-----------

3.1 Apresentando o Projeto de Pesquisa: .....	33
3.1.1 Tipo de Pesquisa .....	33
3.2 Justificativa da Amostra .....	34
3.3 Amostra .....	35
3.4 Instrumentos .....	36

<b>Capítulo IV –Apresentação e análise dosdados da pesquisa .....</b>	<b>39</b>
---	-----------

4.1 Análise do questionário aplicado junto aos professores.....	41
4.1.1 Aglutinando ideias a respeito do Professor escondido atrás do questionário .....	48
4.2 Análise do questionário aplicado junto aos alunos .....	49
4.2.1 Aglutinando ideias a respeito do estudante escondido atrás do questionário .....	57

<b>Capítulo V – Fotografando o próprio mundo .....</b>	<b>61</b>
--	-----------

5.1 Saída de campo para fotografar a comunidade; .....	63
5.2 Exposição Fotográfica.....	73
5.3 Imprevistos .....	76
5.4 (Re) Pensando As Atividades Desenvolvidas .....	78

<b>Capítulo VI - Avaliando o Projeto Desenvolvido.....</b>	<b>81</b>
--	-----------

<b>Conclusão.....</b>	<b>85</b>
-----------------------	-----------

<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>93</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>97</b>
Anexo I – Questionário Dirigido aos Professores .....	99
Anexo II – Questionário Dirigido aos Alunos .....	103
Anexo III – Autorização De Uso De Imagem.....	105
Anexo III - Página em Rede Social Referente a Dissertação.....	92

## Índice de Fotos

Foto 1: Saída de Campo: Vida.....	63
Foto 2: Saída de Campo - Lixo na escola.....	64
Foto 3– Saída de Campo - Amizade Entrelaçada.....	64
Foto 4 Saída de Campo - A procura do Sol.....	65
Foto 5: Saída de Campo - Andando por aí... ..	65
Foto 6: Saída de Campo - Um lugar para morar .....	66
Foto 7: Saída de Campo - Amizade.....	66
Foto 8: Saída de Campo - Rodando.....	67
Foto 9: Saída de Campo - Esquentando ao sol .....	67
Foto 10: Saída de Campo - Natureza e vida .....	68
Foto 11: Saída de Campo - Conectando .....	68
Foto 12: Saída de Campo - Pesquisando .....	69
Foto 13: Saída de Campo - Reflexos .....	69
Foto 14: Saída de Campo - Resultado da chuva na escola .....	70
Foto 15: Saída de Campo - Festa na Escola .....	70
Foto 16: Saída de Campo - Procurando a sorte .....	71
Foto 17: Saída de Campo - Aprendendo .....	71
Foto 18: Saída de Campo - Em rede.....	72
Foto 19: Saída de Campo - Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada.....	72
Foto 20: Saída de Campo - Observando.....	73
Foto 21: Exposição Fotográfica.....	74
Foto 22: Exposição Fotográfica.....	74
Foto 23: Exposição Fotográfica.....	75
Foto 24: Exposição Fotográfica.....	75
Foto 25: Exposição Fotográfica.....	76
Foto 26: Vandalismo - Fotos Rasgadas .....	77
Foto 27: Vandalismo - Fotos Riscadas .....	77
Foto 28: Vandalismo - Fotos Riscadas .....	78

## **Índice de Gráficos**

Gráfico 1: Tempo de atuação na Escola .....	41
Gráfico 2: Escolaridade .....	42
Gráfico 3: Indisciplina X Dificuldade de Trabalho .....	44
Gráfico 4: Segurança no ambiente de trabalho.....	45
Gráfico 5: Origem das dificuldades de aprendizagem.....	46
Gráfico 6: Fatores de risco em sala de aula .....	47
Gráfico 7: Idade .....	49
Gráfico 8: Gênero .....	50
Gráfico 9: Ambiente em sala de aula.....	51
Gráfico 10: Interesse pela escola .....	52
Gráfico 11: Interesse pelas atividades escolares – Aspectos Positivos .....	53
Gráfico 12: (Des)interesse pelas atividades escolares – Aspectos Negativos .....	54
Gráfico 13: Frequência de atividades para combater a indisciplina na escola .....	55
Gráfico 14: Medidas corretivas aplicadas na escola em caso de indisciplina .....	56
Gráfico 15: Atitudes visando minimizar a indisciplina .....	57

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1: Amostra da Pesquisa.....	36
Tabela 2: Cronograma .....	38
Tabela 3: Gênero .....	42



## **Capítulo I - Introdução**





Na atualidade, um dos principais problemas com que se confrontam os professores das escolas é a indisciplina dos estudantes. Frequentemente os professores encontram-se ansiosos, estressados e, muitas vezes, até deprimidos por conta da falta de disciplina em suas aulas, por sentirem-se incapazes de dominar as turmas.

No presente trabalho, parte-se do pressuposto de que a presença da motivação individual e coletiva dos estudantes seja o ideal para que os alunos possam construir o conhecimento por meio do contato e do estudo da imagem fotográfica; e também, que esse recurso possa favorecer seu maior envolvimento no processo ensino/aprendizagem, melhorando, assim, o seu desempenho escolar. O pressuposto é dar voz aos estudantes, por meio de retratos.

O estudo se deu por meio de investigação qualitativa descritiva, explicativa e exploratória, partindo de estudo de caso, utilizando, como instrumentos de coleta de dados a observação, o registro em diário de bordo, questionários com questões objetivas, aplicados aos alunos, professores e direção da escola; análise dos dados coletados através da interpretação de gráficos e tabelas; intervenção junto aos alunos, utilizando a fotografia como meio socializador; interpretação das imagens produzidas, relatando as impressões pessoais dos autores; exposição de fotografias, acompanhada de relatos dos autores das mesmas; relato dos educadores a respeito dos efeitos do projeto apresentado.

Durante o trabalho, os alunos conheceram a história da fotografia. Também foi necessário fazer com que pesquisassem sobre a era digital. Foram principalmente incentivados a valorizar as pequenas coisas do cotidiano, estimulados a registrar, por meio da fotografia, como enxergam o mundo. Além disso, tiveram a chance de falar, de demonstrar, por meio de imagens, suas impressões a respeito do que mais lhes incomoda, ou não, em seu ambiente familiar e escolar.

A análise dos resultados obtidos através das atividades propostas, foi feita com uma avaliação do trabalho realizado, por meio da aplicação de questionário aos educadores, permitindo compreender se como essa atividade pode auxiliá-los para que superem os problemas com a indisciplina e promovam um melhor desempenho na aprendizagem, tornando os alunos mais capazes e melhorando sua auto-estima.

Para Arroyo, (2010, p. 120):

Sabendo que na escola convivem sujeitos totais e não apenas mentes sem histórias, sem corpo, sem identidades, também são equacionadas como conteúdos da docência formar a curiosidade, a paixão de aprender, a emoção e vontade de conhecer, de indagar a realidade que vivem, sua condição de classe, raça, gênero, sua idade, corporeidade, memória coletiva, sua diversidade cultural e social.

Anteriormente à apresentação da pesquisa, considerou-se importante discutir no segundo capítulo alguns aspectos embasadores passando alguns tópicos da sociedade contemporânea que influenciaram a escola.

Também se achou importante conceituar indisciplina e disciplina em seus diversos sentidos, tanto social como escolar. Finalmente o segundo capítulo aborda o uso da Tecnologia, com o objetivo de introduzir o tema do projeto desenvolvido.

Ao final, apresentam-se os resultados da pesquisa Fotografia- um novo olhar do mundo: um estudo em uma escola de Ensino Fundamental em São Francisco de Paula.

## **Capítulo II – Marco Teórico**



Fotografia- um novo olhar do mundo: um estudo em uma Escola de Ensino Fundamental em São Francisco de Paula.

Para dar início à fundamentação teórica que norteia esta dissertação, é preciso que se conceituem as principais linhas norteadoras da pesquisa realizada. Tendo como base a indisciplina que ocorre na sala de aula, se buscará compreender qual o sentido de ofertar atividades diferenciadas para tentar minimizar tal problema. A imagem (fotografia) será utilizada como instrumento tentando compreender qual a imagem os jovens fazem da sociedade contemporânea e como esses fatores influenciam, ou não, nas atividades pedagógicas diárias.

Começemos, então, pela conceituação das palavras-chave que deram origem ao trabalho.

## **2.1 Sociedade Contemporânea**

A sociedade contemporânea caracteriza-se pela globalização. As informações e a velocidade com a qual elas atingem a sociedade. Em razão da tecnologia e das facilidades que ela traz os receptores dessas informações tornando-se cada vez mais exigentes, em todos os sentidos.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman( 2008, p. 22) aborda em sua obra “Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias” que a sociedade contemporânea, é a transformação dos indivíduos em mercadoria, pela busca desenfreada e estimulada pela mídia, pela moda, pelos grupos sociais, de sempre se estar à frente do tempo.

O mesmo autor fala sobre dois modelos da fase da modernidade: a fase sólido-moderna e a fase líquido-moderna. A fase sólido-moderna é caracterizada por uma sociedade de produtores mais voltada para a segurança, ambiente confiável, ordenado, duradouro, resistente ao tempo, uma concentração de bens para que, num futuro próximo, haja uma tranquilidade do proprietário.

A segunda fase, líquido-moderno, caracteriza-se por ser uma sociedade em que a instabilidade dos desejos, o instantâneo, o efêmero ditam as regras. Não aplica-se mais o status de segurança; o que importa é a satisfação dos desejos ou a tentativa de satisfazê-los no agora, o que nos leva a pensar no uso imediato e na rápida substituição das mercadorias.

## 2. 2 A Educação na Sociedade Contemporânea

Na sociedade contemporânea exigiu-se uma educação harmônica, capaz de garantir o bem estar do indivíduo e da sociedade, assegurando ao estudante a oportunidade de construir o seu próprio conhecimento baseado em sua cultura de uma forma que o torne mais feliz.

A sociedade busca ser uma nova sociedade que aprende de novas maneiras, por outros caminhos, com mais participantes envolvidos, de forma contínua. A escola, inserida na aldeia global, que de um lado exclui e do outro prospera, outrora teve uma importância vital na vida das pessoas e era, praticamente, a única responsável pela transmissão de conhecimentos, pela cultura e ascensão social. A partir das últimas décadas do século XX, passou por radicais transformações. Os câmbios gestados no mercado a partir dos anos 1980, especificamente em função da ciência/tecnologia, afetaram o papel social da escola. A pós-modernidade exige um novo perfil de profissional, ou seja, com visão ampliada, capacidade de liderança, de trabalhar coletivamente, que seja criativo, flexível e permanentemente atualizado... LAMPERT, Ernâni (org.), 2005, p.31.

Sabe-se que a escola é um dos espaços privilegiados de elaboração de projetos de conhecimento, de intervenção social e de vida, onde se experimentam situações desafiadoras do presente e do futuro, reais e imaginárias. A promoção do desenvolvimento integral da criança e do jovem torna-se possível, na escola, com a união do conteúdo escolar e da vivência em outros espaços de aprendizagem.

A partir da concretude, a escola deve propiciar ao aluno o entendimento do mundo, tornando-se uma instituição organizada, com um currículo interdisciplinar, flexível, dinâmico, que privilegie a formação de cidadãos críticos, preocupados com a humanização do homem, com a sustentabilidade do meio ambiente, e os envolvimento político, econômico, social, tecnológico e cultural para que o estudante possa construir seu próprio pensamento.

Lampert (2005, p 43), ao referir-se em como atender os alunos excluídos, afirma que:

A escola viva, com uma finalidade social, cultural, científica, humana e poética, são indispensáveis enfrentar e superar os grandes desafios que a pós-modernidade impõe à sociedade.

A escola necessita conciliar a cultura dos jovens com seus objetivos primordiais, que são a transmissão do patrimônio cultural e a formação integral, pois, ao contrário, estará produzindo uma geração de acríticos, alienados e consumistas desenfreados, que agirão mais por influência dos meios de comunicação do que pela sua consciência e razão.

Sabe-se que, no Brasil, a escola é pouco atraente. Segundo a pesquisa do INEP ( Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas) de 2005, o desinteresse das crianças entre 5ª e 8ª série, equivalente aos anos finais do Ensino Fundamental dos anos finais, é proporcional a 40%, sendo que somente 17% apontam a necessidade de trabalhar como

fator para o desinteresse/abandono da escola. O desinteresse está baseado na fragmentação, as disciplinas estão soltas, falam de assuntos sem ligação direta com a vida do aluno. E, além disso, em tempos de cultura digital, a infraestrutura da escola está bastante comprometida, o acesso real da maior parte dos alunos à internet é muito insatisfatório.

O objetivo da educação escolar é, cada vez mais, ajudar todos a aprender de forma mais integral, humana, afetiva e ética, integrando o individual e o social, os diversos ritmos, métodos, tecnologias, para construir cidadãos plenos em todas as dimensões.

Moran (2007, p.21,22) alerta que:

A educação tem de surpreender, cativar, conquistar os estudantes a todo momento. A educação precisa encantar, entusiasmar, seduzir, apontar possibilidades e realizar novos conhecimentos e práticas.(...)É um espaço privilegiado de experimentar situações desafiadoras do presente e do futuro, reais e imaginárias, aplicáveis ou limítrofes

O mesmo autor (p. 94,95) afirma que:

A sala de aula como ambiente presencial tradicional precisa ser redefinida. Até agora, identificamos ensinar com frequentar regularmente esse ambiente. Aos poucos, a sala de aula irá se tornar um lugar de começo e de finalização de atividades de ensino-aprendizagem, intercalado com outros tempos, em que frequentaremos outros ambientes. Como regra geral, estaremos nela para nos conhecer, para organizar os procedimentos didáticos, para motivar os alunos, para instrumentalizá-los sobre as etapas da pesquisa e a alternância com outros ambientes. Depois de um tempo maior ou menor, voltaremos à ela para a apresentação dos resultados, para uma troca de experiências, para a contextualização e generalização da aprendizagem individual e coletiva. E assim iremos intercalando novas situações presenciais com atividades fora da sala de aula.

Para tanto, o foco da aprendizagem deve estar voltado à busca da informação significativa, à pesquisa, ao desenvolvimento de projetos, libertando-se da transmissão de conteúdos específicos.

Arroyo (2010, p.75), afirma que, ao longo da história, o aprendizado dessas capacidades abertas tem sido considerado como a base da civilização, do progresso, do desenvolvimento. Quando pensamos educação nos referimos a todos esses aprendizados. Seu ensino, e o saber desse ofício sempre foram considerados mais nobres, socialmente mais valorizados.

A curiosidade e o interesse, passando pela problematização, devem ser o impulso, para a busca de soluções possíveis para aquele momento histórico com a visão de que não são respostas únicas, absolutas e inquestionáveis, pois a matéria prima da aprendizagem é a informação organizada, significativa, a informação transformada em conhecimento. A escola pesquisa a informação pronta, já consolidada e a informação em



movimento, em transformação, que vai surgindo da interação, de novos fatos, experiências, práticas, contextos.

Para Bauman, (2013, p. 24), num mundo como esse, somos compelidos a assumir a vida pouco a pouco, tal como ela nos vem, esperando que cada fragmento seja diferente dos anteriores, exigindo novos conhecimentos e habilidades.

Lampert (2005, p.70-71),

afirma que, Institucionalmente, os professores reclamam da falta de atenção de seus alunos; os alunos reclamam da ausência de concretudes/sentidos/significados, enfim de positivities para a vida dos conhecimentos curriculares e não menos das performances de seus mestres. Os professores reclamam de seus salários; os alunos reclamam da dúvida quanto à aplicação positiva (instrumental?) dos conhecimentos ensinados; os professores reclamam da perda da autoridade em sala de aula, dos esforços muitas vezes não recompensados ou reconhecidos e pensam até mesmo em “desistir”; os alunos reclamam do autoritarismo exacerbado dos professores e da insensibilidade em relação aos seus (dos alunos), problemas pessoais.

Diante de tantas reclamações, tanto de alunos quanto de professores, percebe-se que o ambiente escolar pode estar necessitando proporcionar um espaço de diálogo entre todos os envolvidos no processo educacional para que cada um possa expor seus anseios e insatisfações, de forma que possibilite traçar estratégias para alcançar seus objetivos.

Os jovens possuem uma cultura própria, que é muito forte e que não é mais a cultura da família, por isso o sistema de transferência de cultura não funciona mais. Assim, professores e estudantes precisam ser livres e encorajados a desenvolver um currículo capaz de atender à diversidade.

Arroyo (2010, p.158) ensina que:

Essa imagem mais passiva do ensino da adolescência e da juventude está mudando. Encontramos muitos coletivos que pesquisam, produzem registram e expõe seus produtos. Cada dia é mais frequente encontrar salas de aula dinâmicas, organizadas, em grupos responsáveis por tarefas. Discutem com seus colegas sobre como dar conta da tarefa, planejam, levantam alternativas, contrapõem possibilidades de ação e alternativas de interpretação de significado do que estão fazendo. Trabalham tão sério os alunos que nos deixam a imagem de uma equipe de produtores. Admiram sua produção.

Vários autores apostam na interdisciplinariedade/transdisciplinariedade, na educação problematizadora como saídas viáveis para reedificar uma educação de qualidade, apoiada em valores éticos e morais. Entre eles Dutra (apud Lampert, 2005, p.37), que diz:

A interdisciplinaridade procura a globalidade, o debate, a dialética, a participação, o envolvimento e a integração entre membros da comunidade. Estabelece a possibilidade de um novo repensar da sociedade, tendo em vista que a pós-modernidade exige a produção de saberes que desmantele o

paradigma da fragmentação curricular e a visão de mundo, dando a noção da realidade como um todo, que se encontra em constante movimento.

Por sua vez, Luck(apud Lampert, 2005, p.37), salienta que:

A interdisciplinaridade, processo de integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, que objetiva a integração de disciplinas entre si e com a realidade para superar a fragmentação do ensino, possibilita a formação do educando com o intuito de exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo e a capacidade de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual.

Em educação, é preciso surpreender, cativar, conquistar os estudantes a todo o momento. Encantar, entusiasmar, seduzir, apontar possibilidades e realizar novos conhecimentos e práticas deve ser as premissas da educação.

Por isso, Moran (2007, p.39,40) afirma:

Uma educação inovadora apoia-se em um conjunto de propostas com alguns grandes eixos que lhe servem de guia e de base. As tecnologias favorecem mudanças, mas os eixos são como diretrizes fundamentais para construir solidamente os alicerces dessas mudanças. As bases ou eixos principais de uma educação inovadora são:

- o conhecimento integrador e inovador;
- o desenvolvimento de autoestima/autoconhecimento;
- a formação do aluno-empREENDEDOR;
- a construção do aluno-cidadão;
- o processo flexível e personalizado.

São pilares que, com o apoio das tecnologias, poderão tornar o processo de ensino-aprendizagem muito mais flexível, integrado, empreendedor e inovador.

O sucesso pedagógico depende também da capacidade de expressar competência intelectual, de mostrar que conhecemos de forma pessoal determinadas áreas do saber, que as relacionamos com os interesses dos alunos, que podemos aproximar a teoria da prática e a vivência da reflexão teórica, sendo fatores dos quais depende o sucesso pedagógico em tempos de aprendizados cada vez mais globalizados.

### **2.3 (In) Disciplina**

A compreensão sobre a educação, contemporaneamente, é a de um espaço de relação com as transformações da sociedade, reportando à ideia da responsabilidade social, sendo que o educador precisa estar apto a manejar diferentes empecilhos, enfrentando as mais diversas situações educativas. Assim, se vê a necessidade de que sejam desenvolvidas ações e estudos sobre algumas situações que afetam o cotidiano da sala de aula, como é o caso da indisciplina. Isso implica em conhecer a expressão exata

de disciplina, para, posteriormente, iniciar com a criação de caminhos seguros que levem a um fim satisfatório da situação em que se encontra a escola frente à indisciplina.

Na obra “Vigiar e Punir” de Foucault (1987, p. 119) “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos e de obediência).

Desde o início do século XVI, a disciplina passou mostrar-se como uma peça fundamental nas relações educativas, sejam elas institucionalizadas ou não, sempre no sentido da relação entre o poder e o saber.

A respeito da relação poder/saber, Foucault (1987) orienta a forma de funcionamento do poder disciplinar:

Ao mesmo tempo em que age sobre os indivíduos, transforma-os em agentes desse mesmo poder, pela introjeção e racionalização de seus pressupostos. O poder disciplinar engendra procedimentos que se expressam pelo corpo, por comportamentos e por sentimentos dos indivíduos. O saber, nas mãos da ciência, legitima as novas regras sociais e distingue de forma classificatória o que é normal e adequado daquilo que foge à norma e, portanto, deve ser corrigido. A escola serve-se bem desse jogo de poder e reproduz em seu cotidiano os mecanismos de controle que representam a sociedade de classes.

Nos termos de Silva (2004), a palavra indisciplina é habitualmente utilizada para definir todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma Instituição, no caso em estudo, a escola.

Conforme Naiff (2009, p.112),

as crianças e adolescentes de hoje fazem parte de várias instituições e são bombardeados por um estilo de sociedade que produz o sujeito competitivo, consumista, individualista e com fixação no poder. Uma geração inteira, em particular os mais empobrecidos, estão sendo afetados por esse modelo de sociedade. A escola, por sua vez, além de não estar percebendo como deveria, essas circunstâncias, abrindo horizontes para lidar com as singularidades que coexistem em seu interior, é ainda atravessada por questões sociais mais amplas, como o desemprego, a desesperança de uma parcela da população e as crises nas instituições públicas de uma forma geral. Infância, adolescência e juventude são noções construídas historicamente.

Para entender mais profundamente a Disciplina e a Indisciplina na sala de aula (Araújo. 1996) nos diz que:

Os distúrbios disciplinares são um dos grandes problemas pedagógicos e morais da atualidade e, junto à violência, vêm comprometendo a busca por uma educação de qualidade, e urgente busca do entendimento sobre os fenômenos e procurar saídas para seu enfrentamento para a construção da qualidade na educação ou, em última instância, para a formação e instrução de gerações futuras que tenham com meta viver em sociedades democráticas, solidárias justas.

Em suas investigações, Piaget considera que a criança precisa passar por diferentes estágios em um processo psicogenético de evolução para desenvolver a moralidade e o comportamento social, em concordância com as regras de funcionamento de uma determinada cultura e internalização das normas de convivência social. É na obra *O juízo moral na criança*, de 1932, que Piaget (1994) discorre sobre o desenvolvimento da consciência moral no desenvolvimento infantil a fim de responder a questão: “como a consciência humana vem a respeitar regras?” (1994, p. 23). Em sua pesquisa, conclui que assim como a inteligência evolui, a moral também evolui, em um processo de interiorização de regras e valores que também ocorre em uma sequência de etapas. Ele sugere que desde o nascimento, a criança é influenciada pelos pais e pelo meio social em que vive, sendo submetida a diversas normas e regras, e mesmo antes de aprender a falar, já aprende que deve acatá-las. A partir das interações com o meio, a criança, em um processo de construção interior, vai internalizando e se conscientizando das regras e dos valores morais que permeiam sua vida social.

O desenvolvimento moral acontece em um contexto de relações, necessitando assim, da interação social do sujeito com o ambiente em que vive e do vínculo afetivo que se estabelece nessas relações. Este desenvolvimento, a fim de ser melhor compreendido, foi organizado por Piaget (1994) em três etapas, que chamou de estados (ou estágios) do processo de construção da moralidade na criança, classificados como anomia, heteronomia e autonomia:

- **anomia** (crianças até 5 anos): geralmente a moral não se coloca, com as normas de conduta, sendo determinadas pelas necessidades básicas. Porém, quando as regras são obedecidas, são seguidas pelo hábito e não por uma consciência do que se é certo ou errado. Um bebê que chora até que seja alimentado é um exemplo dessa fase.

- **heteronomia** (crianças até 9, 10 anos de idade): O certo é o cumprimento da regra e qualquer interpretação diferente desta não corresponde a uma atitude correta. Um homem pobre que roubou um remédio da farmácia para salvar a vida de sua esposa está tão errado quanto outro que assassinou a esposa, seguindo o raciocínio heteronômico.

- **autonomia**: legitimação das regras. O respeito a regras é gerado por meio de acordos mútuos. É a última fase do desenvolvimento da moral.

A violência de forma sistemática, a indústria do medo, toma boa parte da agenda das investigações no campo social a partir dos anos 1990, pois, como parte integrante da sociedade pós-moderna, apresenta causas múltiplas, em diferentes segmentos sociais

amedrontando a população, os lares, a escola, as ruas e as instituições. A escola, inserida nesse contexto, como as demais instituições sociais, passa por profundas crises. Lampert (2005, p.40), diz-nos que a escola sofre com essa situação que, até pouco tempo, era externa. A violência, através de uma variada gama de procedimentos (verbal, patrimonial e física), praticamente faz parte do cotidiano escolar.

Tiba (1996, p. 32) afirma que a disciplina é compreendida como um conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo. Já, Garcia (1999, p. 44) pontua:

é preciso que a visão reflexiva sobre o aluno indisciplinado seja modificada, pois o que se observa hoje é que o corpo docente, diretores, coordenadores, visualizarem o aluno indisciplinado como sendo o sujeito que não quer aprender ou que não recebeu educação em casa. A indisciplina é um tema muito discutido nos últimos anos, em vista de sua complexidade, é abordada de forma considerável pelos profissionais de ensino que se preocupam com o aprendizado dos educandos.

Além disso, uma vez que o exercício da profissão se torna cada vez mais difícil, a indisciplina é uma das principais queixas dos docentes.

Conforme pesquisa realizada pela Revista Nova Escola e Ibope em 2007, com quinhentos professores de todo o Brasil, 69% dos professores acreditam que a indisciplina e a falta de atenção são responsáveis pelos principais problemas na sala de aula.

Taille (1996, p.22) diz que “a indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente as falhas da pedagogia, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa”.

Para Moran (2007, p.45), a indisciplina tem como base os principais obstáculos para a aprendizagem inovadora que são:

- o currículo engessado, conteudista;
- a formação deficiente de professores e alunos
- a cultura da aula tradicional, que leva os professores a privilegiarem o ensino informação e o monopólio da fala.

Também são obstáculos:

- o excessivo número de alunos, de turmas, de matérias que muitos professores assumem e a obsessão pela preparação para o vestibular;
- atenção no conteúdo provável desse exame e não na formação integral do adolescente.

Antunes (2002: 9,10), aponta três critérios básicos que definem a indisciplina em sala de aula, ao conceituar classe indisciplinada, como aquela que:

- não permita aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno;

-não ofereça condições para que os professores possam "acordar" em seus alunos sua potencialidade como elemento de auto realização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania;  
-não permita um consciente trabalho de estímulo às habilidades operatórias, ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e vivências geradoras da formação de atitudes socialmente aceitas em seus alunos.

Por isso, o perfil do professor precisa se basear na competência, na humanidade, na afetividade, na compreensividade, que atrai os alunos. Tecnologia não resolve distanciamento, mas ela pode ser um caminho para a aproximação mais rápida, valorizando a rapidez, a facilidade com que crianças e jovens se expressam tecnologicamente, motivando-os a querer se envolver mais. Nossa linguagem, por mais próxima que seja da dos estudantes, sempre será muito diferente, por isso é preciso que o professor facilite a comunicação, a entonação, os gestos, a gestão dos processos de participação e acolhimento, respeitando os limites impostos pela sociedade, bem como os limites acadêmicos surgidos. A instituição escolar encontra-se dentro de um contexto onde os limites não são mais valorizados, a mudança social e individual a cada dia sofre transformações, projetando, dentro das escolas, sujeitos sem disciplina.

Aquino (1998, p.58) considera que:

A indisciplina tem sido vista como um abandono das competências do educador em sala de aula, pois quando seu papel não tem evidência de ação, os alunos podem perder o foco das habilidades do professor e tornam-se relapsos diante de suas atividades que deveriam ser atribuídas e incumbidas pelo educador. Sendo indiscutível, ressaltar que atualmente as instituições vêm enfrentando problemas quanto à indisciplina, a priori, os professores desmotivados e alunos cada dia mais relapsos, torna o desafio ainda maior para o Orientador educacional seguir com seu objetivo, que é assegurar o elo entre aluno/escola/família.

Libâneo (1994, p 252), defende o ponto de vista de que a disciplina em sala de aula tem relação com o perfil de prática docente, ao frisar que:

Uma das dificuldades mais comuns enfrentadas pelo professor é o que se costuma chamar de "controle da disciplina". Dizendo assim, dá a impressão de que existe uma chave milagrosa que o professor manipula para manter a disciplina. Não é assim. A disciplina da classe está diretamente ligada ao estilo da prática docente, ou seja, à autoridade profissional, moral e técnica do professor. Quanto maior a autoridade do professor (no sentido que mencionamos), mais os alunos darão valor às suas exigências.

Partindo de metodologias que subestimam a capacidade dos alunos, das constantes ameaças visando o silêncio da turma, irrompe a ineficiência da prática pedagógica, o que gera o comportamento indisciplinado. Torna-se necessário que seja alterada a metodologia de ensino aplicada bem como o esforço do professor em criar situações que correspondam às necessidades e interesses dos alunos.

Sobre metodologia, define Libâneo (1994, p.150):

Que o professor, no objetivo tanto de dirigir quanto estimular "o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos" que devem corresponder para que ocorra a assimilação ativa dos conteúdos propostos em sala. Assim, em linhas gerais, a metodologia de ensino passa a ser entendida como uma significativa criação de caminhos que convirjam a um fim específico: a construção do conhecimento.

Caberá ao professor, segundo Aquino (1998), firmar contratos que estabeleçam:

Trabalhar com o coletivo, considerando a realidade de uma sala de aula, torna-se uma ação que se traduz, de uma forma ampla e concisa, em práticas nas quais a reciprocidade nas ações tanto docente quanto discente se complementa. E isso, é perfeitamente possível, se se leva em consideração propostas ementas que visem concretizar a harmonia do ambiente de sala de aula. É, pois, nesse fio condutor, que surge a possibilidade de se criar uma espécie de contrato pedagógico, o qual deve explicitar regras de convivência a serem planejadas, elaboradas, negociadas e executadas por todos os envolvidos. Acordos nesse cunho, visam orientar o funcionamento da sala de aula. Para tanto, necessitam ser explicitadas para todos os envolvidos.

Sobre o contrato pedagógico, destaca Aquino (1998) que na medida em que todos se sentem corresponsáveis pelo "código" de regras comuns, que se pode ter parceria, solidariedade, um projeto conjunto e contínuo - o que, no caso do trabalho pedagógico, é mais do que necessidade, é uma exigência.

Segundo as premissas de Chalita (2005, p.24) o aluno tem que se sentir valorizado. E isso acontece nos pequenos gestos. Neste contexto, o respeito, amor, carinho e compreensão são as formas mais eficazes de atingir o ápice do problema, que geralmente é resultado de falta de atenção e abandono, por parte da família, amigos e comunidade escolar.

F. Savater (apud Arroyo, 2010, p 111), nos lembra de maneira concisa que:

O importante não é o que se aprende, mas a forma de aprendê-lo. De nada serve provar que em abstrato, tal ou qual ciência é formadora se não se prova que a forma de ensiná-la assegura bem esse desenvolvimento intelectual, o qual depende tanto da maneira de ensinar como da matéria ensinada. Aqui está o segredo: a força ou a virtude humanista e formadora das disciplinas que se ensinam não está em seu conteúdo intrínseco, fora do tempo e do espaço, mas na concreta forma de ensiná-las e aprendê-las aqui e agora. A questão não é o que, mas o como.

Tiba, pensando em outros atores que fazem parte do convívio educacional, aponta o trabalho do orientador junto à família do aluno que apresenta problemas de indisciplina em sala de aula. Neste sentido, encontra-se nas afirmações de Tiba (1996, p. 36):

os filhos precisam de pais para ser educados, e os alunos necessitam de educadores para ser ensinados. Sem esta educação inicial, realizada no âmbito familiar a criança não cumpre o seu dever como aluno. Como

aprender sem ser educado para isso? No entanto, o educador, cujo exercício é o de orientar o processo de aprendizagem não pode se ocupar de um papel que não é seu. Até porque o trabalho realizado por ele não surtirá efeito se em casa os hábitos de educação não mudarem. Nestes casos, faz necessário que o Orientador Educacional, detecte as dificuldades dos alunos e possa trabalhar os seus aspectos biopsicossociais, junto à família.

Ainda, segundo Tiba, a família é o grande controlador, e se essa figura falha, os abusos começam a acontecer. Isso pode estender-se da família para a escola e consequentemente à sociedade. É preciso que a família saiba a hora de dizer “sim” e, igualmente, a hora de dizer “não”, estabelecendo restrições. Se isso falha, podemos encontrar jovens automaticamente dependentes, sem autocontrole e inseguros, incapazes de solucionar problemas que surgem na dinâmica de sua própria vida, sem perspectiva de uma vida futura progressiva, sem realizações enriquecedoras e positivas. Tendo em vista que o ser humano é por excelência insaciável, seus instintos de necessidades infinitas não são trabalhados e contidos por regras e pulso firme de seus pais, quando adultos, estarão sempre insatisfeitos com sua própria vida e com o mundo.

Santos (2002, p. 46) reitera as palavras de Tiba, ao afirmar que:

A ausência de limites, instituídas na educação familiar por pais demasiadamente tolerantes, fecunda consequências desastrosas, produzindo crianças indisciplinadas, extremamente agressivas, insolentes, rebeldes, por conseguinte vivem sempre em conflitos internos, demonstram insegurança em tudo realizam, crescem ampliando paralelamente sentimentos nada plausíveis, como o egoísmo e a intolerância, pois estão sempre convictos de que as pessoas que os rodeiam, que mantem contato independente de que seja sua mãe ou não, estarão a sua disposição para satisfazer suas necessidades.

Pais e professores são fundamentais na constituição de filhos e alunos como cidadãos. Entretanto o difícil é o assumir a responsabilidade na educação dos filhos/alunos quando a sociedade está carente de valores éticos e morais.

Pesquisadores como Freud e Piaget, segundo La Taille (1996), concordam em situar a origem da moralidade na relação da criança com seus pais e o importante sentimento de amor nesta relação. Para Freud, a interiorização das proibições paternas constitui-se uma imagem ideal de si que servirá como medida empregada para avaliar o próprio valor como pessoa. Para Piaget, interiorização das regras corresponde a uma assimilação nacional destas e uma nova exigência moral: reciprocidade, respeitar e ser respeitado.

Souza (2001), diz que:

É impossível a permanência de coesão familiar sem alguém que exerça com segurança e continuidade o princípio aglutinador da autoridade respeitosa, e estimulando as dimensões das possibilidades se as crianças são capazes de realizar, seus potenciais que estão escondidos e que com esforço



desabrocharão, tornando-se um ser maduro e fortificador. A satisfação consigo mesmo, depende em última instância do bom uso da liberdade aprendida desde a infância.

Para que isso aconteça, Arroyo (2010, p.55) diz que:

A matriz pedagógica fundante que faz parte de nossa condição humana é querer, ter necessidade de aprender observando e imitando os outros. Uma criança desde cedo experimenta seus limites existenciais, não sabe ainda como se defender, sobreviver, mas ignora sobretudo como ser. A necessidade de aprender a ser é mais radical do que a necessidade de aprender técnicas, habilidades de sobreviver. Esta distinção é fundamental para todo processo educativo, inclusive escolar. As artes de sobreviver, de dominar conhecimentos e técnicas, de aprender as leis que regulam a natureza, o meio ambiente, o entorno social, conhecer a cidade, os processos de produção, as relações sociais, relacionar-se com o mundo e com a sociedade são parte do conhecer humano.

Com isso tudo concorda Arroyo (2010, p.75), quando diz que a cultura mais aberta, a preocupação com os valores e os comportamentos, inclusive a ameaça das drogas e da violência, a própria distância dos tempos áureos da ciência e da tecnologia abrindo bons empregos, estão mudando a imagem de escola boa, centrada nos conteúdos fechados.

A escola, pensando na sociedade contemporânea, que passa por sérios problemas relacionados a indisciplina, precisa aproveitar os aportes tecnológicos, trabalhando criticamente com os conteúdos, otimizando os meios utilizados. Não se trata de minimizar o conhecimento sistemático, mas sim de privilegiar os espaços destinados a promoção cultural, onde os estudantes se sintam atores principais do processo de aquisição do próprio saber, tornando-os humanos, respeitando os próprios valores bem como os dos outros e da sociedade, tornando-os éticos. Isso só ocorrerá quando tivermos uma docência humana.

## **2.4 Uso da Tecnologia em Ambiente Escolar**

Vivemos num mundo global e em rede onde as tecnologias são importantes suportes em todas as áreas da sociedade e a sua utilização e desenvolvimento continua a ser a chave para novos processos de aprendizagem sem que se percam valores sagrados de consciência social, dever cívico e ética profissional.(Duarte, 2012,pg. 23)

Segundo Vargas (1994) o termo surgiu com os gregos e foi muito confundido com a tese: a techné não se limitava à pura contemplação da realidade. Era uma atividade cujo interesse estava em resolver problemas práticos, guiar os homens em suas questões vitais, curar doenças, construir instrumentos e edifícios. As techné gregas

eram, em princípio, constituídas por conjuntos de conhecimentos e habilidades transmissíveis de geração a geração. O que, entretanto, designamos hoje, de forma geral, por técnica não é exatamente a *techné* grega.

A técnica no sentido geral é tão antiga quanto o homem; pois aparece com a fabricação de instrumentos. E essa fabricação já corresponderia um saber fazer: uma técnica.

Nos dois últimos séculos surgiram as tecnologias mais avançadas, como o correio, o telefone, o rádio, a televisão, o vídeo, o mais recente foi o aparecimento dos telefone móveis (celular), dos computadores, *ipad*, máquinas fotográficas digitais e *tablets*.

Essas novas tecnologias não são os primeiros instrumentos tecnológicos utilizados na educação. O quadro negro e o giz são exemplos clássicos de tecnologias utilizadas pelos professores ao longo de séculos, além de outros, como o livro didático, mimeógrafo, o retroprojetor, a televisão e o vídeo.

Segundo Araujo (2004, p. 42) nas décadas de 50, 60 e 70, do século XX, vigorava a visão utilitarista e pragmática de ensino, associando a importância da inserção das tecnologias nas escolas, aos seus aspectos instrumentais. Nos anos 80 e 90 começou a ser discutida uma abordagem mais crítica e mais ampla da utilização das tecnologias na educação, mesclada ao movimento político dos educadores que criticavam a falta de discussões sobre os problemas estruturais brasileiros.

Percebe-se que ainda nos dias de hoje é notória a pressão quanto ao seu uso no processo da aprendizagem, o computador com a informática educativa, tem sua utilização relacionada como mais uma ferramenta pedagógica.

“Existem crianças que chegam à escola tendo visto o mundo apenas pela televisão, outras chegam com múltiplas experiências e contatos enriquecedores com outros adultos e com o meio. As mensagens que os meios emitem são parte da vida cotidiana. É importante integrá-las na aula como elementos constitutivos da vida diária e do conhecimento experiencial.”  
Litwin (1997pg123)

Um dos grandes desafios para os educadores é adotar a tecnologia numa abordagem educacional, já que são raras as iniciativas que visam garantir que o professor possa aprender a usar, no exercício da docência, computador, rádio, aparelhos de DVDs, gravador, calculadora, internet e a trabalhar com programas e *software* educativos.

“Com abordagens que vão na contramão do desenvolvimento tecnológico da sociedade contemporânea, os cursos não preparam os professores para atuarem como fonte e referência dos significados que seus alunos precisam

imprimirão conteúdo da mídia. Presos às formas tradicionais de interação face a face, na sala de aula real, os cursos de formação ainda não sabem como preparar professores que vão exercer o magistério nas próximas duas décadas, quando a mediação da tecnologia só vai ampliar e diversificar as formas de interagir e compartilhar, em tempos e espaços nunca antes imaginados.” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2000, pg31)

Para Grégoire (1996) apud Coscarelli (1998, pg 42) essa aprendizagem parte da matemática, das línguas, ciências humanas e naturais, artes entre outras, de modo a levar o educando a solucionar problemas, que estão ligados com sua realidade e aplicam em sua vida.

A tecnologia hoje tem sido empregada nas atividades que envolvem as relações humanas, com atenção especial na educação e que a utilização da informática vá além do uso em setores administrativos ou como propaganda da escola, a escola deve incorporar este meio como uma possibilidade a mais de apoiar a educação, procurar a partir dele, investigar, construir, explorar ao máximo as diversas vantagens que o computador pode oferecer à educação. Entretanto, é possível perceber que a tecnologia usada para ensinar deveria estar muito mais adaptada às necessidades dos professores como também à realidade dos alunos no contexto socioeconômico em que vivemos, para interferir nessa esfera e propiciar incremento na qualidade educacional.

Moran (2007, p.52) afirma que as tecnologias também podem ajudar a desenvolver habilidades espaço-temporais, sinestésicas, criadoras. Mas o professor é fundamental para adequar cada habilidade a um determinado momento histórico e a situação de aprendizagem.

O mundo físico e o virtual não se opõem, mas se complementam, integram, combinam numa interação cada vez maior, contínua, inseparável. Cada vez mais, resolvemos nossos problemas, em todas as áreas da vida, de formas diferentes das anteriores. A banda larga na internet, o celular de terceira geração, a multimídia e a TV digital estão revolucionando nossa vida no cotidiano. Com tais conexões, multiplicam-se intensamente o número de possibilidades de pesquisa rápida em base de dados, de comunicação on-line, aprendizagem, acesso a bibliotecas digitais, portais educacionais além de poder realizar compras, pagamentos e outros serviços. Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual. Escolas não conectadas são escolas incompletas, pois inibem a participação dos estudantes em comunidades de interesse.. O não conectado perde uma dimensão cidadã

fundamental para sua inserção no mundo profissional, nos serviços, na interação com os demais, pois ter acesso contínuo ao mundo digital é um novo direito de cidadania plena.

Como facilitador da aprendizagem, a tecnologia oferta a interação, a troca, a colaboração. No entanto, não resolve os problemas de fundo: as dificuldades de entenderem-se, de aceitar os outros como são, de compreender o mundo interior próprio e dos outros. Torna-se necessário conciliar ensino-aprendizagem e uso da tecnologia, humanizando-a, utilizando-a como meio, caminho para facilitar o progresso do estudante, inserindo-a nos valores, na comunicação afetiva, na flexibilização do espaço e tempo escolar.

Lampert,(2005) afirma que os recursos tecnológicos de ultima geração conseguem cativar, prender a atenção e até formar a mentalidade dos jovens, o que a instituição escolar, salvo exceções, não consegue fazer mais. Dessa forma, as escolas públicas devem estar conectadas à internet, incorporando a rede como ferramenta educacional.

Na visão de Moran (2007, p. 116),

São muitos os caminhos para inovar no ensino com tecnologias. (...) Com tecnologias, o professor pode combinar aulas-informação, em que apresenta suas sínteses, mostra novos cenários ou introduz novos temas - com aulas-pesquisa, em que estimula os alunos a serem investigadores, a buscarem em experiências, informações significativas e analisá-las, individualmente e em grupo, para teorizar, isto é compreender o que há de geral naquela experiência particular;

pois, para Moran(2007, p. 3),

a aquisição da informação dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los. O papel do educador é mobilizar o desejo de aprender, para que o aluno se sinta sempre com vontade de conhecer mais.

Com o que concorda Behrens (2000, p.74), quando afirma que a linguagem digital, apresenta-se nas novas tecnologias eletrônicas de comunicação e na rede de informações. O paradigma na era digital, na sociedade da informação, enseja uma prática docente assentada na construção individual e coletiva do conhecimento.

Já Arroyo (2010, p. 114-115), reafirma que:

A ação, a práxis, o trabalho como princípios educativos faz parte da tradição pedagógica mais permanente. A educação como processo de produção e não de inculcação. A formação dos seres humanos acontecendo nos mesmos processos em que produzimos a cidade, o campo, a escola, os tempos e espaços humanos. Nos produzimos como sujeitos sociais e culturais produzindo a sociedade, a cultura, o conhecimento. Os vínculos entre

existência e consciência, entre trabalho e cultura, entre cultivo e cultura, entre vivência e saber.

Um dos grandes desafios hoje para os educadores é adotar a tecnologia numa abordagem educacional em que são raras as iniciativas que visam garantir que o professor possa aprender a usar, no exercício da docência, computador, rádio, telefone celular, máquinas fotográficas digitais, aparelhos de dvds, gravador, calculadora, internet e a trabalhar com programas e software educativos.

Devido a isso, educadores precisam desenvolver uma nova competência: saber conviver nos espaços virtuais, saber comportar-se na comunicação *on-line*, nos diversos espaços digitais pelos quais nos movemos, respeitando a diversidade, e comentar com equilíbrio opiniões diferentes ao divulgar informações.

É necessário reconhecer que a escola não pode ficar à margem do desenvolvimento tecnológico, mas com ela, perceber as novas formas de comunicação, novas ferramentas de trabalho, novas formas de produzir e reproduzir conhecimento, tornando possível a criação de práticas de ensino direcionadas para a atualidade.

## **2.5 Uso da Imagem (Fotografia) como Apoio Pedagógico**

Apostar na produção de conhecimento por meio de imagens fotográficas é uma provocação constante.

Imagem é um termo que provem do latim “*imago*” e que se refere à figura, representação, semelhança ou aparência de algo, do vídeo. Uma imagem também é a representação visual de um objeto, coisa ou pessoa através de técnicas da fotografia, da pintura, do desenho.

Segundo Vale (2010, p.14) a imagem é considerada pela maioria das pessoas como um espelho do que é percebido pela visão. No entanto, encontramos uma vasta e complexa variedade de referências no que concerne à sua natureza e definição. Para Berger (1972, p.13), a imagem é uma vista que foi recriada ou reproduzida. É uma aparência, ou conjunto de aparências, que foi isolada do local e do tempo em que primeiro se deu o seu aparecimento, e conservada – por alguns momentos ou por uns séculos.

A fotografia não é apenas uma imagem, uma interpretação do real; é também um vestígio consubstanciando-se, assim, em documento de pesquisa privilegiado, podendo alargar olhares e revelar outras concepções de educação.

Para Fischman, 2006, p.246):

Fazer uso de fotografias como documento, contribui para permitir aos investigadores do campo da educação compreender os acontecimentos e as imagens escolares não só como algo que são: presenças, representações e também simulação do ausente – se não que, como ferramentas que permitiriam desestabilizar conceitualmente os rituais escolar.

A fotografia, a exemplo de outros tipos de imagem visual, também tem uma história e, com ela, algumas palavras que surgiram associadas a sua invenção. (...) Fotografar significa “escrever (grafar) com a luz (foto)”, reproduzindo e, eventualmente, modificando as condições de nossa percepção visual ou, na falta desta, de outras percepções sensíveis.

Pinto e Turazzi (2012, p.123), explicitam que,

antes da invenção da fotografia, desenhos de espécies da fauna e da flora, tipos humanos e paisagens desconhecidas já esboçavam, pelas mãos dos viajantes, uma representação visual do mundo inventariado por expedições científicas, diplomáticas e comerciais das potências europeias. O mundo científico pré-fotográfico, então, assistiu fascinado ao aparecimento de uma máquina que podia agora registrar tudo isso com rapidez, fidelidade e exatidão. A fotografia converteu-se, a partir daí, em instrumento imprescindível ao registro e à transmissão de conhecimentos e memórias em todas as expedições e viagens;

pois, segundo eles mesmos,

Desde o Renascimento, estudos anatômicos e instrumentos óticos cada vez mais sofisticados buscavam conhecer os mecanismos da visão humana e potencializar seus recursos. A invenção da câmara fotográfica, no sec. XIX, só foi possível graças a essas minuciosas investigações e seus desdobramentos posteriores. A partir daí, o equipamento nunca mais deixou de ser visto como uma “testemunha ocular” dos acontecimentos do presente que se deseja transmitir ao futuro através de “depoimentos visuais”.

Segundo Kossoy (2001, pg.141, 143),

Após a Revolução Industrial notou-se um enorme crescimento no desenvolvimento das ciências, surgindo um processo da transformação econômica, social e cultural. Neste sentido a fotografia tornou-se um papel fundamental enquanto a possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio de pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística.

Há menos de dois séculos, criado esse novo meio de comunicação, a fotografia deu origem a vários outros (cinema, televisão, vídeo), promovendo grande mudança na representação do indivíduo, assim como na propagação da veiculação de sua fisionomia e de seus gestos.

Fotografar torna-se então, uma forma de expressão, o “congelamento” de uma situação e seu espaço físico inserido na subjetividade de um realismo virtual. Fotografar é um modo de comunicar e informar. Seguindo o raciocínio, a linguagem visual fotográfica, além de ser mais forte, não é determinada por uma língua padrão, não precisando assim de uma tradução, uma vez que se diferem apenas as interpretações.

Essa modalidade de representação do tempo e do espaço revolucionou as possibilidades de utilização da memória individual e coletiva pela história, tornando-se onipresente na circulação de informações e em aplicações diversas no mundo contemporâneo.

A fotografia tem uma poderosa função: atrair a atenção para aqueles que a olham ou observam. Diferente de um documento escrito, a fotografia exerce um poder de atração, como se fosse um metal atraído por um ímã, entre as pessoas. O exemplo disto são as pessoas quando folheiam um livro ou um jornal, em sua grande maioria, uma das primeiras informações visualizadas ou captadas são as imagens presentes, para após, se for de interesse, ler sobre o que está sendo informado ou descrito. Por meio deste exemplo, tem-se a fotografia como um documento visualizador do ontem, na qual se contorna suas verdades, com suas informações presentes, contidas e expressas em suas imagens.

Pinto e Turazzi (2012, p 96), dizem-nos que,

Qualquer fotografia é, sempre, uma imagem visual com características que a distinguem de outras representações, palpáveis ou não. Por mais que estejamos acostumados a ver esse tipo de imagem, ela exige de nós, continuamente, uma compreensão das relações entre a criação e a percepção de sua mensagem. Toda fotografia ou conjunto de fotografias tem uma narrativa e, a exemplo de outras narrativas, depende da criação, manifestação e recepção dos enunciados que contém.

Explica Barthes (1984, p.66), que:

A fotografia é unária quando transforma enfaticamente a realidade, sem duplicá-la, sem fazê-la vacilar (a ênfase é uma força de coesão): nenhum duelo, nenhum indireto, nenhum distúrbio. A fotografia unária tem tudo para ser banal, na medida em que a "unidade da composição" é a primeira regra da retórica vulgar. (...) As fotos de reportagens são com muita frequência unárias. Nessas imagens, nada é punctum: choque - a letra pode traumatizar -, mas nada de distúrbio; a foto pode "gritar", não ferir. Essas fotos de reportagem são recebidas (de uma só vez), eis tudo. Eu as folheio, não as rememoro; nelas, nunca um detalhe (em tal canto) vem cortar minha leitura: interesse-me por elas (como me interesse pelo mundo), não gosto delas.

Para o mesmo autor (2012, p.25),

existem três elementos que utilizam-se da tecnologia fotográfica como um produto artístico: o "Operator", que segundo o autor, corresponde ao fotógrafo; o "Spectator" que representa todos nós que estamos em contato com ela; e aquilo que é fotografado ou o referente, o "Spectrum". Segundo o autor "a fotografia é o advento de mim mesmo como outro: uma dissociação astuciosa da consciência de identidade." A fotografia é assim, portanto, uma criação. Nela se incute aquele registro da objetiva que jamais se finda e que se repetirá infinitamente naquela imagem. Assim, uma fotografia é formada, não apenas pela visão do fotógrafo "operador", mas também pelo cenário como um todo e aquele/aquilo que é fotografado e pela decodificação pelo expectador das possibilidades de sentido do registro fotográfico.

Então, tirar uma foto é “embalsamar” alguém, “deitá-lo” no papel, enquanto se tenta em vão “ressuscitar” “fantasmas”, imortalizá-los. Com a foto diz Barthes, “entramos em uma morte plana”. No duplo sentido do termo banalidade e achatamento. Por isso, Barthes fala-nos de *spectrum* quando aborda o sofrer a fotografia: a partir do momento em que sou fotografado, torno-me um espectro, uma sombra.

Utiliza-se a fotografia, como um produto, que tem por finalidade sua mobilização consciente e inconsciente do fato que se quer transmitir. O enquadramento da fotografia como fonte de uma pesquisa, entrelaçada com o diálogo de outras fontes, auxilia na compreensão de um determinado momento histórico, mesmo que na visão popular tenha-se a fotografia como a realidade, daquele momento, ela nos auxilia a buscar indícios e rastros do objeto da pesquisa, a fim de indagá-los em suas verdades.

O ato de fotografar é um modo de questionar uma imagem. Auxilia tanto nas descrições do cidadão comum, quanto dos cientistas e pesquisadores. Auxilia nas descobertas científicas tecnológicas e se completa em diversas formas de expressões artísticas. Fotografia é uma maneira de ver o passado, registrando o presente.

Ciavatta (2004, p.45) afirma que se remetendo e analisando a imagem, para além de uma representação de um momento, se estabelece que a imagem é também uma linguagem, repleta de signos particulares que seu produtor quis deixar para um futuro próximo ou para a posteridade.

Joly (2006, p. 48), ao tratar sobre as funções da análise das imagens, disserta:

Demonstrar que a imagem é de fato uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que, nessa qualidade, distingue-se do mundo real e que, por meio de signos particulares dele, propõe uma representação escolhida e necessariamente orientada; distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que sua ausência ou presença significam; relativizar sua própria interpretação, ao mesmo tempo que se compreende seus fundamentos; todas garantias de liberdade intelectual que a análise pedagógica da imagem pode proporcionar.

Nesta linguagem que é permeada de representações, cabe ao espectador interpretá-la, percebendo diferentes tempos que a imagem recorre. Com o auxílio de Franco (1998, p.4), recorre-se aos diferentes tempos em que o pesquisador, que utiliza a fotografia como fonte, é desafiado a desvendar e entender que, não vemos o tempo da fotografia, apenas como uma cristalização, apenas como a fixação de um momento. Há uma multiplicidade de tempos condensados na imagem fotográfica e na sua contemplação; o tempo presente de quem contempla o tempo das coisas fotografadas, o tempo do fotógrafo.

Para Ciavatta (2004, p. 45),



Esses diferentes tempos, que permeiam não só a fotografia, mas também os diferentes tipos de documentos é o que fascina ao utilizá-los. Portanto, as fotografias são mundos de relações silenciosas, densas, congeladas no tempo mínimo do obturador. Mundos de seres calados e imóveis que devem ser decifrados a partir do contexto onde se encontram, na história e de sua relação com os demais seres, tanto pessoas quanto objetos. É o conhecimento dessas relações ocultas, expressões complexas do mundo da cultura, que permitem aproximarmo-nos das fotografias além do prazer estético, da sua imediaticidade encantadora. É este o caminho tortuoso da fotografia como fonte histórica.

A fotografia e o ato de fotografar podem ser considerados maneiras de entender o mundo através de cada olhar. Assim, combinam na fotografia a razão e a emoção, o verbal e o não verbal, a contemplação e a criação. No ato fotográfico e na fotografia há uma relação de posse. Não é só nosso olhar que vai mais longe ou mais fundo, é o encontro entre o que olha e o que é olhar e se fundem na imagem conjunta.

Uma faceta importante na análise das imagens, além de reconhecê-las como representações e linguagem, são importantes a tentativa de investigar e sinalizar a função dessa imagem, principalmente para quem ela foi produzida. Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como uma ferramenta de expressão e de comunicação. Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitua uma mensagem para o outro, mesmo quando esse somos nós mesmos. Por isso, uma das precauções necessárias para compreender da melhor forma possível uma mensagem visual é buscar para quem ela foi produzida. No entanto, identificar o destinatário da mensagem visual não basta para compreender para que ela sirva. A função da mensagem visual é também, efetivamente determinante para a compreensão de seu conteúdo, (JOLY, 2006, p. 55).

Durante o momento da fotografia, de acordo com Barthes (1984, p.27) o ser capturado pela câmera torna-se verdadeiramente espectro, ou seja, o processo da fotografia assim como o da criação literária, é um processo de fingimento. Deste modo, o que está sendo registrado, não é mais a realidade, mas uma convenção dela registrada na objetiva da câmera.

Segundo Ferreira (2012) o olhar fotográfico é repleto de imagens que fazem parte da história compondo seu repertório visual. As imagens que pertencem a este repertório orientam o que consideramos fotografados, o que vemos constitui-se em experiência, como algo que nos toca e nos transforma, nos ensina, a nossa experiência configurada pelo nosso olhar, é a forma como narramos e representamos a nossa

maneira de ver e viver as coisas. Ainda as representações das imagens contribuem na nossa direção de olhar de quem as contempla.

Neste sentido Benjamim (1980 p. 91) fala que, a fotografia contribui para a ampliação de um olhar de quem fotografa e é capaz de ressaltar aspectos do original que escapam ao olho, são apenas passíveis de serem apreendidos por uma objetiva que se desloque livremente afim de obter diversos ângulos de visão.

Martins (2002, p), diz que existem dimensões significativas e determinantes ocultas na realidade da fotografia decifrar o que se esconde por trás do visível e do fotográfico. Ainda diz que, a fotografia pode ser entendida, como meio de compreensão imaginária.

Ao olhar a fotografia como uma memória, composta de signos, recorremos ao fato de que esse real representado na fotografia existiu, e que essa existência quis tornar as pessoas e figuras da imagem imortais. Por isso, é difícil encontrar fotografias de pessoas mortas, em seus caixões.

Se encontram, geralmente e em grande medida, fotografias de pessoas ilustres e momentos especiais, principalmente quando a análise fotográfica reporta-se ao início do século XX. Por outro lado, se esse real existiu, é porque não existe mais, e a fotografia torna-se então o próprio signo de que somos mortais. Um novo elemento de fascínio aparece, o da ligação entre a fotografia e a morte. A foto é a presença de alguém que está definitivamente ausente, em um lugar estranho, em uma época que não é mais a sua.

Tendo a fotografia também como documento, no conceito de Le Goff (1984), ao questionar sua intencionalidade de produção, remete-nos ao questionamento da não neutralidade dos documentos, tendo em vista que são produzidos com o objetivo de mostrar no futuro certas representações do presente.

Joly (2006, p. 44), diz que:

A apreciação de uma fotografia reporta-se a um momento do passado vivido ou apreciado por alguém que teve a intenção de deixar suas marcas em um futuro próximo ou distante. Mesmo a fotografia sendo o retrato da coisa morta, de um passado, ela é viva, cheia de interpretações e lembranças. Ao fotografar algum local, pessoas, coisas, etc., o fotógrafo deixa registrado por meio daquele documento que é a fotografia suas impressões, limitações, visões, entre outras coisas, que considera-se suas marcas. Considerando isto, a fotografia passa por três momentos fundamentais: que a imagem seja uma produção consciente e inconsciente de um sujeito é um fato; que ela constitua uma obra concreta e perceptível também; que a leitura dessa obra faça viver e perpetuar-se, mobilizar tanto a consciência quanto o inconsciente de um leitor ou de espectador é inevitável.

Ao analisar a fotografia, destaca-se a importância de contextualizá-la historicamente, por meio de dois desafios que Kossoy (1989) nos apresenta, que é o de analisar a fotografia através de suas informações implícitas e explícitas, que leve a compreensão de seus elementos que compõe aquele registro visual. Por meio desta identificação, conclui-se que a fotografia é permeada de signos e significados, “remetendo-as ao mundo das representações e ideologias”. (VIDAL; ABDALA, 2005, p.3).

Para além de seu caráter informativo, a fotografia, reporta a uma memória produzida coletivamente, através da recriação de uma realidade que está sendo apresentada. Sinalizando a relação e interação entre memória e história, retornamos a Le Goff (1984, p 47), o qual nos afirma que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Portanto, depende-se da memória, em suas diversas formas, para (re) criar a história, com isso tem-se a história como uma eterna construção. Haja vista que: para quem busca compreender, como se escreve a história, todo o conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica de uma época, se tornam importantes e entre os fenômenos mais intrigantes está a imagem fotográfica. Não como uma esfinge que pede para ser decifrada, mas como algo que suscita diálogos. (FRANCO, 1998, p.43).

As fotografias docentes tornam-se documentos, porquanto se configuram não apenas como uma maneira de ver as coisas de outra forma, mas também de ver outras coisas, de desorganizar as formas, desorganizar as coisas, desorganizar as visões, os pensamentos (WUNDER, 2011, p. 160). E, por isso, permite confiarmos nas possibilidades que ela traz a partir das experiências de professores e professoras que, no exercício de suas práticas alfabetizadoras, (nos) mostram que podem pesquisá-las, complexificá-las e irem além do já visto, já colocado e já aprendido.

Fischman (2012, p. 4) diz que:

sin embargo, el acto físico de ver el número asombrosamente vasto de materiales visuales a los que los ciudadanos modernos están expuestos, requiere no solamente interpretar, clasificar, decodificar y recordar, sino también ignorar y olvidar la mayor parte de ellos. Consumir y descartar imágenes es una parte crucial de nuestras experiencias visuales cotidianas, aún en las escuelas

Segundo o PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio 2000, p. 8): Uma das particularidades do conhecimento em arte está no fato de que, nas produções artísticas, um conjunto de ideias é elaborado de maneira sensível, imaginativa, estética por seu produtores ou artista. De diversos modos, esse conjunto

sensorial de ideias aparece no produto de arte enquanto está sendo feito e depois de pronto ao ser comunicado e apreciado por outras pessoas.

Esse conhecimento, essa sabedoria de expor sensibilidades e ideias estéticas na obra de arte é aprendida pelo produtor de arte ao longo de suas relações interpessoais, intergrupais e na diversidade sociocultural em que vive. Emoções e pensamentos elaborados, sintetizados, expressos por pessoas produtivas de arte e tornadas presentes nos seus produtos artísticos, mobilizam, por sua vez, sensorialidades nas relações sócio culturais, dentre elas as vividas na educação escolar. (PCNEM, 2000)

O uso da tecnologia fotográfica trabalha então como um recurso didático, que colabora, de maneira significativa, no processo de ensino e aprendizagem, com o intuito de contribuir para uma formação de sujeitos críticos, incluídos socialmente através da arte. Além de ser importante por tornar as aulas mais interessantes aos alunos, faz com que o professor não precise se desdobrar só com o quadro e o giz para conseguir a atenção dos discentes.

De acordo com Barthes (2012, p.37) essa interação sugerida quando o sujeito se relaciona com a fotografia artística, gera uma determinada animação entre o objeto fotografado e o seu leitor, estabelecendo vínculos capazes de não apenas manter a atenção, como também, conduz à reflexão e à participação enquanto grupo-debate na sala de aula. Desse modo, é importante que o professor mediador estimule discussões a respeito das impressões dos alunos em relação à fotografia artística apresentada, pois assim, compartilhando visões, amplia-se também o horizonte de significações, tornando os discentes mais participativos e críticos.

Alves (2013 p.1) afirma que a imagem no contexto escolar é problematizada pela própria civilização da imagem e que envolve as pessoas que as caracterizam, fala que a comunidade escolar não se dá conta de que estão cercados por uma profusão de imagens, que os guiam, confundem, orientam e desorientam e que seguem por todas as esferas, social e escolar.

Partindo do pressuposto de como a imagem possa contribuir na aprendizagem do aluno e que modifica seu olhar de visão do mundo, pensa-se que através deste recurso ele aprenda muito mais.

Desta forma, torna-se importante o ato de fotografar no contexto escolar, para que o aluno desenvolva seu senso crítico, Joly (1996 p. 48):

Demonstrar que através da imagem específica e heterogênea, que nesta qualidade distingue do mundo real e por meio de signos particulares dele e que propõe representação escolhida e necessariamente orientada, distinguir as

principais ferramentas dessa linguagem e ausência ou sua presença significam reativar sua própria interpretação, ao mesmo tempo que se compreendeu seus fundamentos, toda garantia de liberdade intelectual que a análise pedagógica pode proporcionar.

Com isso, o tratamento da fotografia como arte que está ao alcance do aluno, desperta maior interesse do mesmo em relação a aprendizagem, visto que, pode utilizar seu próprio aparelho celular, não necessitando de equipamentos profissionais sofisticados para fotografar, se percebe incluído nesse processo artístico, como aluno-fotógrafo, que direciona o olhar sobre a fotografia e é despertado por ela. Esse trabalho, coopera para o desenvolvimento da autonomia e da imaginação do discente, que posto na função de fotógrafo, a partir do viés da arte, pode ressignificar o mundo a sua volta, partindo da mudança de sua perspectiva, fazendo um “re-olhar” sobre as coisas, pessoas e cenários.

### **Capítulo III – Metodologia**



### **3.1 Apresentando o Projeto de Pesquisa:**

Fotografia- um novo olhar do mundo - Um estudo em uma Escola de Ensino Fundamental em São Francisco de Paula

#### **3.1.1 Tipo de Pesquisa**

Para desenvolver esta pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa dos dados, uma vez que esta metodologia, de acordo com Ludke e André (1986 p.13), citando Bogdan & Biklen, envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Como diz Demo (1996, p143), pensa-se que as aprendizagens devam ter um fim em si mesmas, pois está em jogo a formação da competência humana, não só da competitividade, o que estabelece certamente a importância extraordinária que a educação tem para o mercado moderno, mas a ele deve ultrapassar também porque deve fazer parte de todo processo educativo, em primeiro lugar a cidadania.

Assim, o de estudo e análise dos dados aconteceram, a partir de abordagem qualitativa, descritiva, explicativa e exploratória, por meio de estudo de caso, projeto de intervenção, diário de bordo, questionários e avaliação.

Para Neves (1996) a pesquisa qualitativa assume diferentes significados, compreendendo um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam escrever e a codificar os componentes de um sistema complexo.

A pesquisa qualitativa tem como objetivo principal interpretar o fenômeno que se observa. Na pesquisa exploratória foram estabelecidas informações sobre o estudo; na pesquisa explicativa foram registrados fatos que foram analisados e interpretados para identificar causas. A pesquisa descritiva teve como base a observação, registro e análise de fenômenos.

Segundo Coutinho (2013) o estudo de caso é um dos referenciais metodológicos com maiores potencialidades para o estudo da diversidade de problemáticas que se colocam ao cientista social, utilizando-se da técnica de recolha de dados em que a informação é obtida inquirindo sujeitos.



O questionário foi aplicado antes e depois do projeto de intervenção, porque permitiu obter diversas informações e medir variáveis como atitudes, e ainda, teve baixo custo e rapidez na obtenção de dados.

Para Coutinho (2013) o questionário, pode incidir sobre atitudes, sentimentos, valores, opiniões ou informação factual, dependendo do seu objetivo, mas todos os inquéritos envolvem sempre a administração de perguntas a indivíduos.

Chizzotti (1991), afirma que, a entrevista em pesquisa qualitativa é um tipo de comunicação dirigida entre o pesquisador que pretende colher informações sobre o objeto de estudo e os sujeitos da pesquisa que detenham essas informações e possam emití-las. Esses procedimentos visam assegurar a confiabilidade da informação.

O desenvolvimento do trabalho se deu em diferentes momentos:

#### 3.1.1.1 Apresentando o Projeto de Pesquisa:

- conversa com professores, equipe diretiva e alunos apresentando do projeto;
- aplicação de questionário junto aos estudantes e professores, sobre como a indisciplina interfere no cotidiano da sala de aula.

#### 3.1.1.2 Contextualizando o Projeto:

- visita ao Polo da Universidade Aberta de São Francisco de Paula, para que alunos conhecessem outras formas de comunicação usando os diferentes tipos de mídia (rede social, Skype);
- apreciação de documentário a respeito da história da fotografia.

### 3.2 Justificativa da Amostra

Observa-se que na atualidade há discussão e queixas entre os professores, sobre a falta de interesse do aluno, há indisciplina na sala de aula e no entorno do ambiente escolar, fatores estes que dificultam o desenvolvimento das atividades pedagógicas no ambiente escolar.

O propósito deste projeto é promover diferentes interesses na aprendizagem interdisciplinar dos alunos do 8º ano, através da fotografia.

Muitos dos alunos residem com avós, tios, padrinhos, irmãos, muitas dessas famílias sem a mínima estrutura social, financeira. A maioria das famílias é cadastrada no Programa Bolsa Escola, (famílias de baixa renda que recebem benefício em dinheiro para manter filhos na escola.), o que torna o ato de vir à escola uma forma de receber a verba destinada pelo Governo Federal.

A Escola se localiza em um bairro afastado do centro, com pouca estrutura, onde a comunidade é carente, apresentando alto índice de latrocínio, drogadição, sendo que a instituição é constantemente invadida pelos usuários de drogas.

Infelizmente os estudantes refletem na escola, através da indisciplina, a vivência diária.

Observando estes fatores houve a intervenção, tentando modificar hábitos arraigados na sala de aula, ou pelo menos, ajudar a amenizar esse problema com um projeto em que os alunos puderam expor suas ideias, ansiedades e angústias através da fotografia.

Atualmente a tecnologia está em todos os lugares, nas escolas, incluindo digitalmente a todos, quer seja através dos telefones celulares, *tablets*, *notebooks*, máquinas fotográficas digitais, televisores. Então, porque não utilizar essa ferramenta como aliada, visando minimizar os atos de indisciplina?

Intervindo junto aos estudantes, buscamos identificar os fatores que têm causado a carência de limites e valores morais por parte dos alunos, especificamente dos anos finais do Ensino Fundamental, pois como Arroyo (2010, p.121), pensamos que é necessário desenvolver:

a alegria de fazer descobertas desde a infância, de descobrir-se criança, adolescente ou jovem. O aprendizado de métodos de estudo, pesquisa e trabalho, de dúvida e de interrogação do real e de si mesmo, de sua classe ou grupo. A necessidade e capacidade de comunicar o aprendido, de saber os caminhos, os métodos, os processos, por que se chegou ao conhecimento, às formas de entender a natureza, de produzir, de sobreviver, de conviver... Aprender métodos, recursos, processos, logicas, ferramentas acumuladas socialmente. Aprender como usá-las para ir além, na construção da sociedade. Aprender como esses recursos e ferramentas, esses conhecimentos, artes e ciências foram produzidos, selecionados, os interesses em jogo, a tradição intelectual, cultural, a memória coletiva...

### **3.3 Amostra**

O presente projeto de pesquisa usou como amostra voluntária, professores atuantes no 8º ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, de uma pequena

cidade da região serrana do Rio Grande do Sul, Brasil, bem como os alunos da referida turma.

A participação dos estudantes na pesquisa foi condicionada à assinatura de documento de autorização dos pais ou responsáveis, devolvidos à professora pesquisadora.

Com os professores e a equipe diretiva, a participação se deu de forma voluntária.

Tabela 1: Amostra da Pesquisa

Participantes da pesquisa	Quantidade
Professores	04
Alunos	23
Diretora	01

Fonte: Autora (2015)

### 3.4 Instrumentos

Para efetivar o projeto de pesquisa “Fotografia- um novo olhar do mundo: Um estudo em uma Escola de Ensino Fundamental em São Francisco de Paula” foram utilizados os seguintes instrumentos:

- a- Livros que embasaram o marco teórico;
- b- Artigos e textos extraídos, via internet;
- c- Termo de Consentimento livre e esclarecido;
- d- Documento de autorização dos pais ou responsáveis pelos alunos, visando a participação dos mesmos;
- e- Questionários, aplicados junto aos professores, alunos e diretora;
- f- Aparelhos eletrônicos: telefones celulares, projetor, computador, impressora.

Tais instrumentos foram utilizados da seguinte maneira:

Leitura de obras que embasaram o marco teórico, que deram suporte às ações a serem desenvolvidas durante a execução do projeto. Além das obras impressas, se utilizaram artigos acessados junto à internet, que serviram de apoio às leituras já realizadas, trazendo maiores esclarecimentos a respeito do assunto tratado.

Junto aos professores, aplicou-se questionário com questões objetivas, visando à compreensão do que os professores pensam ser a causa da indisciplina no ambiente escolar.

Aos estudantes, aplicou-se questionário com questões objetivas, cujo cunho foi captar quais as impressões que os mesmos têm a respeito do que seja indisciplina; de que forma a turma vê a questão da indisciplina no ambiente escolar; e, quais sugestões apresentam para minimizar os problemas causados pela indisciplina.

O uso dos equipamentos eletrônicos foi uma constante durante todo o tempo em que se aplicou a pesquisa junto aos estudantes:

- uso das redes sociais para compreender como funcionam outros meios de comunicação existentes, (chat, Skype), além daqueles comumente utilizados na comunidade;
- uso de projetor para apresentar a história da fotografia;
- uso dos telefones celulares para fotografar, quando da saída a campo;
- uso do computador para edição das fotografias e sua interpretação;
- uso das redes sociais para efetivar a avaliação da atividade desenvolvida.

Findado o projeto, as professoras avaliaram o projeto, apontando aspectos positivos e negativos que o mesmo trouxe ao ambiente escolar, especialmente junto aos estudantes envolvidos.

A diretora da escola também participou da avaliação, tecendo seu parecer a respeito das atividades desenvolvidas e como as mesmas fizeram efeito junto à turma de estudantes participantes.

Os demais documentos citados:

Termo de Consentimento livre e consentido e documento de autorização dos pais ou responsáveis pelos alunos, serão arquivados para consultas posteriores, se houver necessidade.

Moran (2007, p.10), nos diz que:

Ao mesmo tempo em que é necessário melhorar o acesso às redes digitais, precisamos também tornar a escola um espaço vivo, agradável, estimulante(...); com currículos, mais ligados à vida dos alunos; com metodologias mais participativas, que tornem os alunos pesquisadores ativos; com aulas mais centradas em projetos do que em conteúdos prontos; com atividades em outros espaços que não a sala de aula.

Acredita-se que, com a proposta posta em prática, se conseguiu promover junto aos estudantes, momentos diferenciados e prazerosos, em que o aprender tornou-se de prazer em fazer diferente, demonstrando que a escola também pode vir a ser um local

onde se aprende com gosto e se socializa o aprendido, tornando todos os envolvidos, seres que aprendem juntos.

Tabela 2: Cronograma

Ações – 2015	Jan Fev Mar	Ab	Ma	Jun.	Jul	Ago	Se	Ou
Elaboração do Projeto								
Correções e ajustes do Projeto								
Revisão da Literatura								
Instrumentos								
Testagem dos Instrumentos								
Agendamento para aplicação dos Instrumentos								
Aplicação dos instrumentos								
Análise dos dados								
Conclusões								
Considerações Finais								
Redação e revisão final								

Fonte: Autora (2015)

## **Capítulo IV –Apresentação e análise dos dados da pesquisa**



#### 4.1 Análise do questionário aplicado junto aos professores

Visando melhor conhecer os professores que atuam na turma na qual foi desenvolvida a pesquisa, propôs-se que respondessem questionário a respeito de sua função junto aos estudantes, a maneira como avaliam a segurança pessoal no ambiente escolar, e quais fatores apontam para a indisciplina dentro da sala de aula.

Passamos agora a apresentação das informações obtidas e análise sobre as percepções que tais respostas nos remeteram.

##### 1- Há quanto tempo você atua na Escola?



Fonte: Questionários dirigidos aos professores

Como se observa no gráfico nº1, as professoras voluntárias na pesquisa são profissionais que nesta escola, atuam há pouco tempo, (de 1 a 5 anos).

Conhecendo-se as professoras, sabe-se que as mesmas atuam no Ensino Fundamental, em média há vinte (20) anos, somados o tempo de trabalho nesta escola e em outras instituições de ensino.



## 2- Gênero

Tabela 3: Gênero

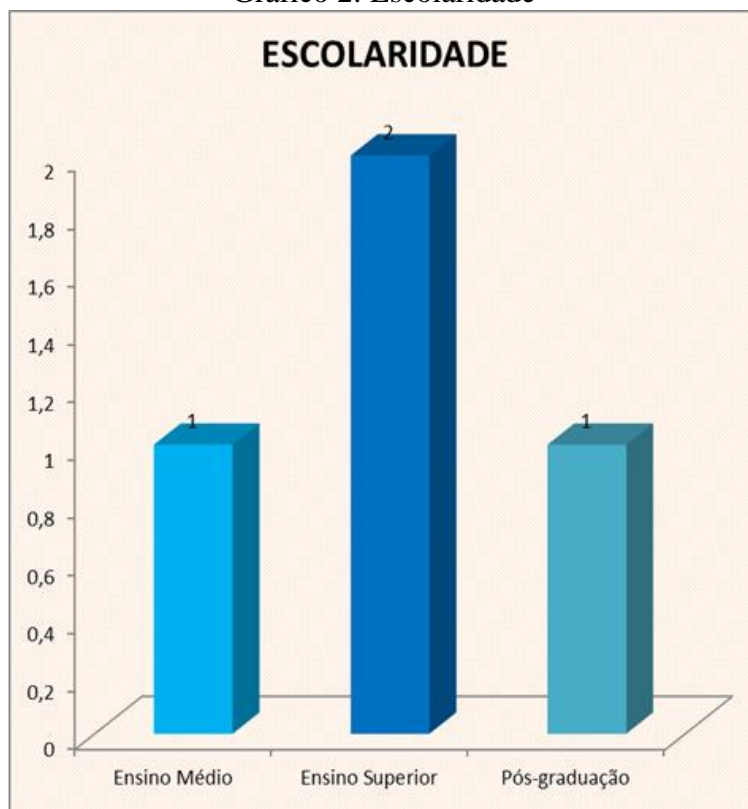
GÊNERO					
	1	2	3	4	TOTAL
Masculino					0
Feminino	x	X	x	x	4

Fonte: Questionários dirigidos aos professores

Todos os profissionais atuando em sala de aula, com a turma de 8º ano participantes da pesquisa, pertencem ao sexo feminino.

## 3- Qual sua escolaridade?

Gráfico 2: Escolaridade



Fonte: Questionários dirigidos aos professores

Conforme a legislação vigente, nenhum professor atuando junto a turmas de séries finais do Ensino Fundamental pode ter habilitação menor que a licenciatura plena que o habilita ao cargo, como se lê:

LEI 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

## TÍTULO VI

## Dos Profissionais da Educação

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação (....).

As professoras colaboradoras, em sua maioria possuem a habilitação mínima, a saber:

a - a professora que ministra a disciplina de Português possui Licenciatura Plena em Letras e Pós-graduação em Gestão Escolar;

b- a professora que ministra a disciplina de Matemática possui Licenciatura Plena em Matemática;

c- a professora que ministra a disciplina de História possui Licenciatura Plena em Pedagogia, o que descaracteriza sua atuação;

d- e observa-se que, no estabelecimento de ensino ainda contamos com uma (01), professora que possui como habilitação o Ensino Médio – Magistério, atuando na disciplina de Artes, o que se considera irregular, perante a legislação educacional vigente.

Para Arroyo (2010, p.69),

Os professores e as professoras de 5ª a 8ª e Ensino Médio, licenciados em disciplinas, em recortes do conhecimento, têm dificuldade de identificar seu papel profissional na organização por ciclos de desenvolvimento humano. Associam sua autoimagem a uma visão fechada de educação, a conteúdos de área, de disciplina.

E fala ainda que: (2010, p.40),

Conhecemos todos os longos debates sobre as licenciaturas. Toda tentativa de equacionar a formação de um educador da pré-adolescência e adolescência esbarra no reperto geográfico e gradeado das disciplinas, nunca questionado e nem enfrentado. Esbarra em não assumir um educador, condutor desses tempos de formação humana. Não reconhecer o adolescente como um possível humano é ficarmos amarrados para formar seus mestres identificados com essa possibilidade, esse dever-ser. O ofício de educar a adolescência será também um dever-ser como sempre foi o ofício de conduzir a infância

No que concorda Behrens (2000, p. 73), quando nos diz que, o desafio imposto aos docentes é mudar o eixo do ensinar para optar pelos caminhos que levem ao aprender. Na realidade, torna-se essencial que professores e alunos estejam num permanente processo de aprender a aprender.

4- A indisciplina dos alunos do 8º ano dificulta seu trabalho de ensinar?

Gráfico 3: Indisciplina X Dificuldade de Trabalho



Fonte: Questionários dirigidos aos professores

Por quê?

- 1- Ter que parar várias vezes as explicações e atividades para chamar atenção dos alunos;
- 2- Quando os alunos brigam dentro da sala de aula;
- 3- Quando atrapalham os colegas;
- 4- Impossibilidade de desenvolver atividades;
- 5- Desvio de atenção.

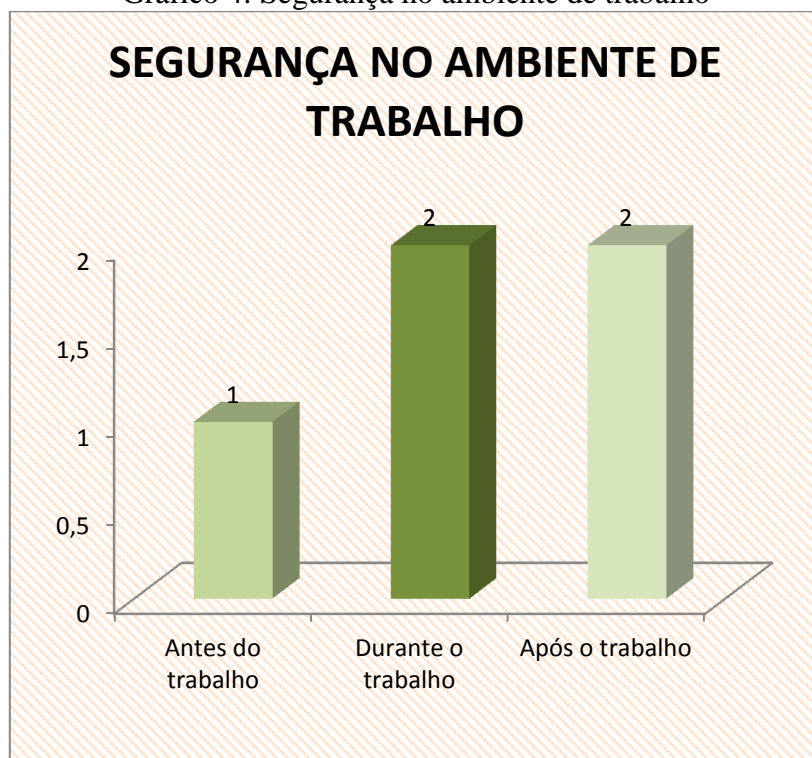
Para as profissionais, a indisciplina causa dificuldades em seu trabalho diário, pois desvia a atenção de todos os alunos, o que faz com que elas tenham que retomar conteúdos e atividades seguidamente. Segundo elas, a maior causa de indisciplina está ligada à agressividade, comum entre os alunos, no ambiente da sala de aula. As constantes brigas e discussões atrapalham o desenrolar da aula, fazendo com que, inclusive os alunos que não estão envolvidos, sejam prejudicados em seu aprendizado.

Pensamos que, como afirma Moran (2007, p.45),

Não basta dar aula expositiva para conhecer. O conhecimento se dá cada vez mais pela relação prática e teoria, pesquisa e análise, pelo equilíbrio entre o individual e o grupal. O conhecimento acontece quando faz sentido, quando é experimentado, quando pode ser aplicado de alguma forma ou em algum momento. O conhecimento, numa sociedade conectada e multimídia, edifica-se melhor no equilíbrio entre atividades individuais e grupais, com muita interação e práticas significativas, refletidas e aplicadas. O conhecimento constrói-se de constantes desafios de atividades significativas, que excitam a curiosidade, a imaginação e a criatividade.

#### 5- Sente-se seguro pessoalmente na sua escola?

Gráfico 4: Segurança no ambiente de trabalho

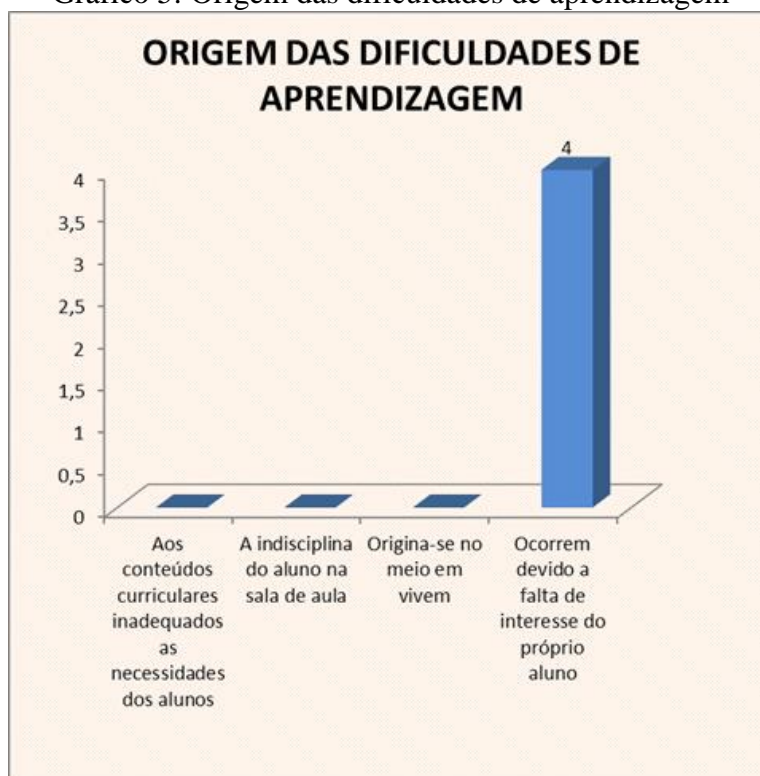


Fonte: Questionários dirigidos aos professores

Como se nota, na opinião dos professores, não existe insegurança no local onde desenvolvem suas atividades. Todos eles afirmam se sentir tranquilos em relação ao ato de estar na escola e junto com os alunos, em todos os momentos.

6- Para você as dificuldades de aprendizagem dos alunos estão relacionadas:

Gráfico 5: Origem das dificuldades de aprendizagem



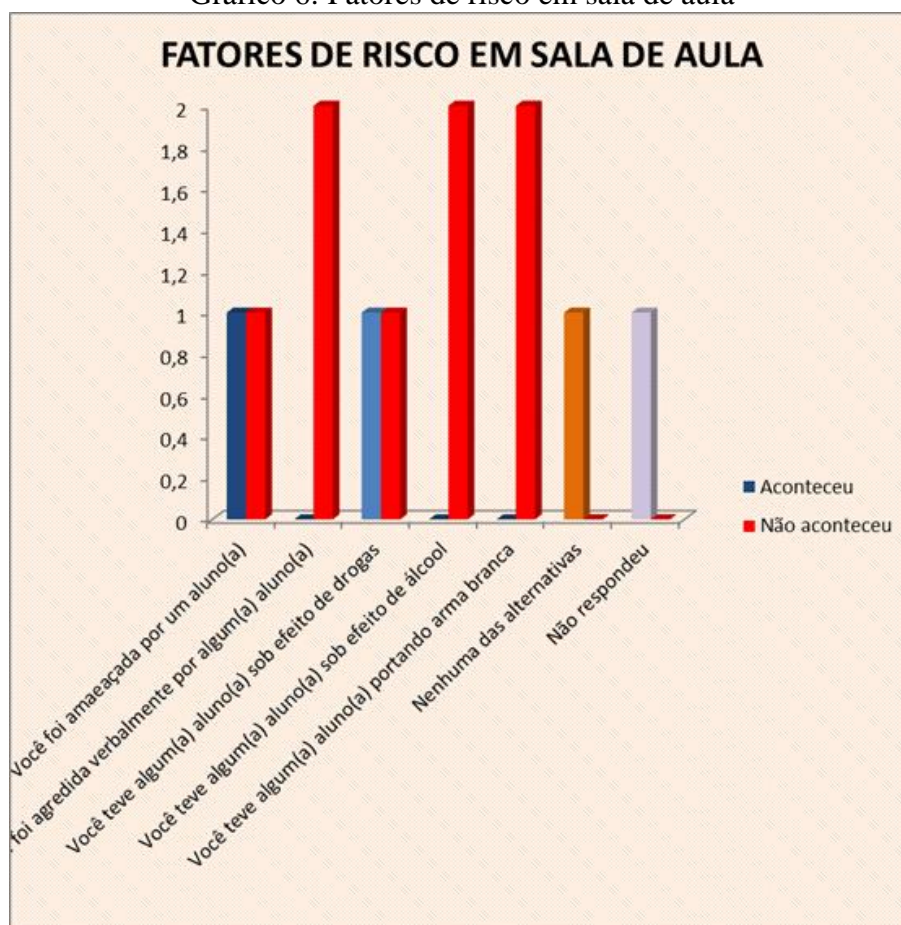
Fonte: Questionários dirigidos aos professores.

Calloni (apud Lampert, 2005, p.69) diz-nos que são, efetivamente, enormes as dificuldades que, hoje em dia, os professores encontram em suas salas de aula. Igualmente, são enormes as dificuldades de seus alunos em frequentarem e acompanharem as aulas. (...) Os professores têm razão em seus reclamos; os alunos também.

Moran (2000, p13), afirma que ensinar depende também de o aluno querer aprender e estar apto a aprender. Esse posicionamento vem ao encontro do que afirmam os docentes quando apontam para a falta de interesse dos alunos como a única causa das dificuldades de aprendizagem.

7- Alguns desses fatos citados abaixo aconteceram nas turmas do 8º ano, neste ano?

Gráfico 6: Fatores de risco em sala de aula



Fonte: Questionários dirigidos aos professores

Confirmando o que foi dito na questão de número 6, os professores reafirmam não haver problemas, dentro da sala de aula, com drogas e seus efeitos, e nem com o uso de qualquer tipo de arma. Mencionam, no entanto, que já sofreram ameaças.

8- Para você, qual a ação que considera mais eficaz para prevenir e combater a indisciplina na escola?

- 1- Deveria haver regras mais rígidas, mais exigência por parte dos professores em relação às atividades realizadas pelos alunos;
- 2- Apoio de todos, principalmente das autoridades superiores;
- 3- Não responderam;
- 4- Regras mais rígidas, acompanhamento familiar e conselho tutelar.

Como se observa no questionamento anterior, as profissionais pensam que a indisciplina é consequência da falta de regras claras, que precisam ser cobradas por

todos que participam do processo de ensino-aprendizagem, ou seja: professores, equipe diretiva, pessoal de apoio pedagógico, família.

Citam ainda, o apoio do Conselho Tutelar como forma de auxiliar no desenvolvimento de atividades que venham a minimizar os problemas com a indisciplina em sala de aula.

#### 4.1.1 Aglutinando ideias a respeito do Professor escondido atrás do questionário

Há 20 anos, a escola era essencialmente conteudista, propedêutica, excludente, hierárquica e mecanicista. O professor era uma figura adaptada ao seu tempo, porque a escola de então tinha as mesmas características fundamentais da escola de quando ele, professor, esteve sentado em seus bancos, e de quando seus professores a frequentaram. Na verdade, a escola como instituição formal de ensino, e o professor, como figura central no processo de ensino e aprendizagem, tem mantidas suas características principais desde que foi trazida da Europa pelos jesuítas, ainda no século XVI.

Pois bem: se os tempos mudaram, se a tecnologia tomou conta do nosso cotidiano, nós professores não podemos, definitivamente, continuar com a mesma escola, com o mesmo modo de ver o mundo e de “ensiná-lo” aos “seres sem luz” (alunos).

Moran (2000, p. 11), afirma que:

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos, temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada?

Nesse sentido, o mesmo autor, remete-nos a coerência entre o que o professor fala e faz na vida. Se realmente pretende alcançar o sucesso pedagógico, precisa unir a competência intelectual, emocional e principalmente ética, atingindo aos alunos de forma impactante, pois os alunos prestam muita atenção às falas e atitudes do educador. A fala e a pessoa precisam ser coerentes e competentes.

No que concorda Turazzi (apud Pinto, 2012, p172), quando diz que:

Se o modelo de transmissão já não é mais o mesmo do passado é porque prevalece hoje o papel do professor como aquele que promove o diálogo e a interatividade com os alunos, formulando problemas, provocando situações, incentivando percursos, mobilizando experiências, sistematizando conhecimentos. A escola é, portanto, um lugar privilegiado para a realização de todos esses diálogos: diálogos que ultrapassam os muros das instituições de ensino e que nos ajudam a compreender e interpretar o mundo em que vivemos.



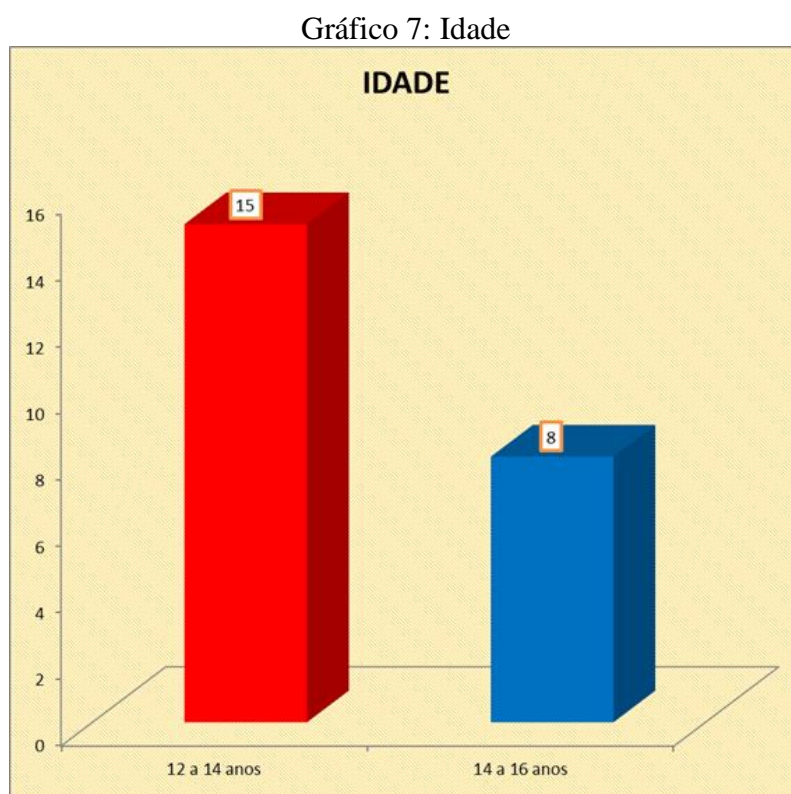
Moran (2007, p. 47 e p.97), para além do que diz Arroyo, aponta outros caminhos: para isso, o professor precisa questionar tencionar, provocar o nível de compreensão existente. Outra atividade importante nesse momento é a capacitação para o uso das tecnologias necessárias para acompanhar o curso em seus momentos virtuais.

#### 4.2 Análise do questionário aplicado junto aos alunos

Junto aos estudantes do 8º ano, aplicou-se questionário tentando compreender quais são as impressões a respeito da turma que frequentam como pensam a questão da indisciplina e de qual forma acham que este “problema” possa ser minimizado, no ambiente escolar.

Vejamos o que se constatou com as respostas dadas pelos estudantes.

##### 1– IDADE



Fonte: Questionários dirigidos aos alunos

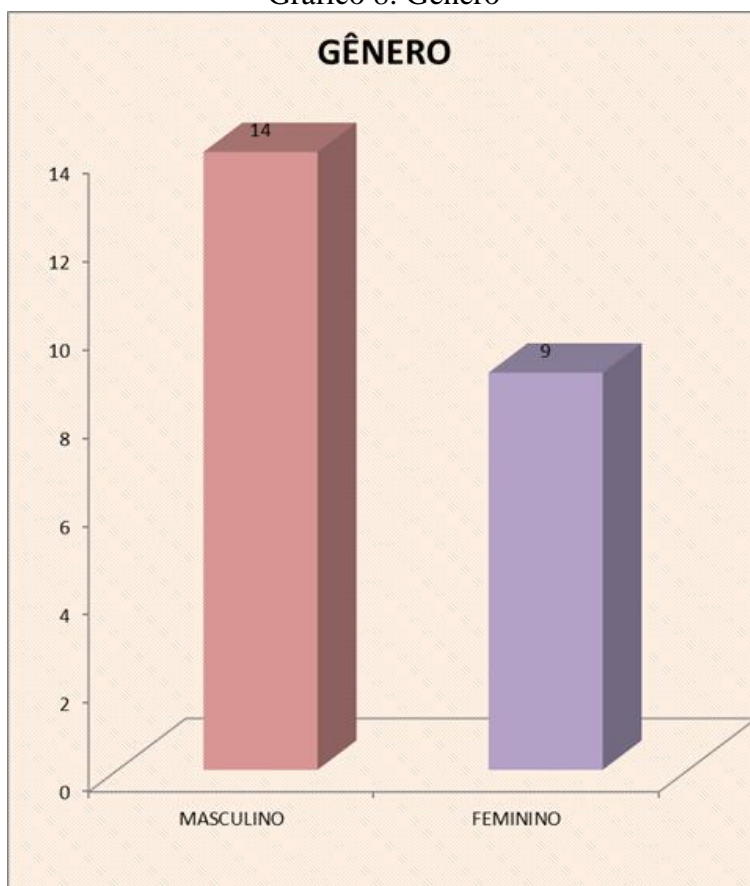
Pesquisando-se junto aos alunos descobriu-se que a maioria deles (15), possui idades entre 12 e 14 anos, o que é característico para turmas de 8º ano do ensino fundamental. Os demais (8), possuem idades entre 14 e 16 anos, estão defasados no que



diz respeito a idade/série adequados. Esta defasagem ocorre principalmente, devido à repetência nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

## 2-GÊNERO

Gráfico 8: Gênero

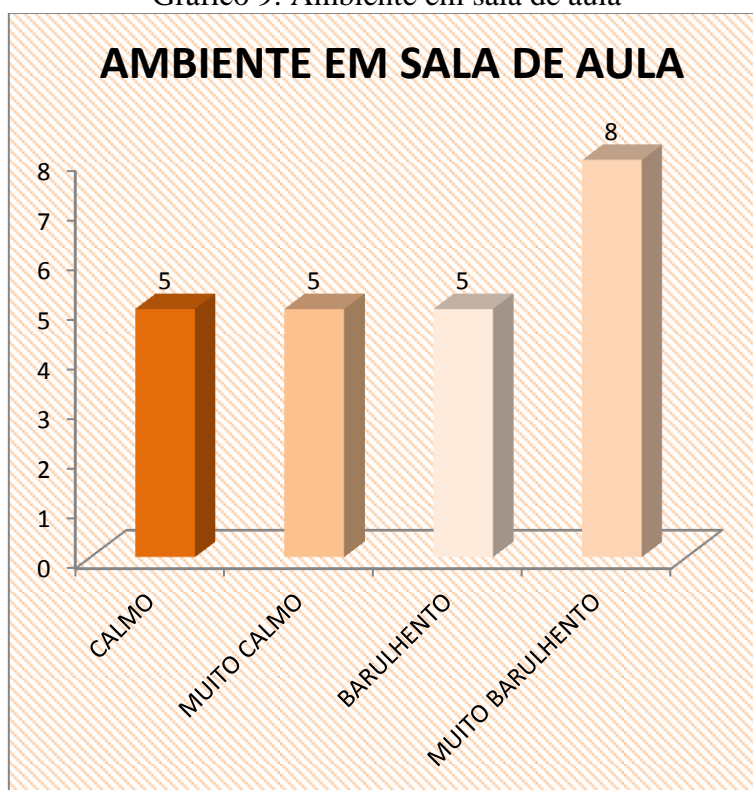


Fonte: Questionários dirigidos aos alunos

A turma se caracteriza pelo predomínio de meninos, o que mais frequentemente, é sinônimo de turmas mais agitadas e barulhentas.

### 3 - Como define o ambiente em sua sala de aula?

Gráfico 9: Ambiente em sala de aula

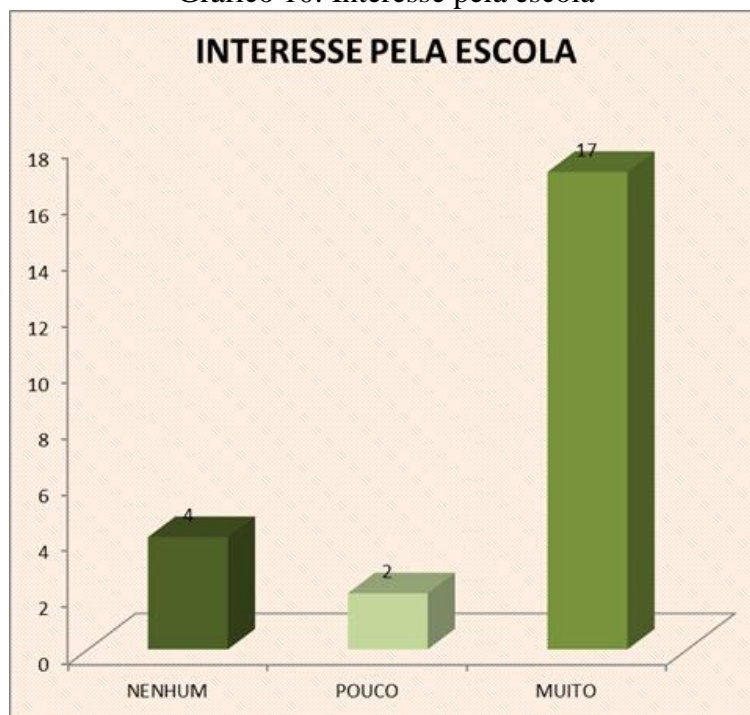


Fonte: Questionários dirigidos aos alunos

Em relação ao ambiente em sala de aula, pode-se notar uma contradição: enquanto a maioria deles (13) caracteriza o ambiente escolar como muito barulhento ou barulhento, os demais o caracterizam como calmo ou muito calmo. Como não se tem parâmetro para compreensão do valor individual do que seja barulho ou calma, pensa-se que esse quesito possa ser considerado irrelevante para a ocorrência, ou não, da indisciplina.

#### 4- Qual interesse você tem pela sua escola?

Gráfico 10: Interesse pela escola



Fonte – Questionários dirigidos aos alunos

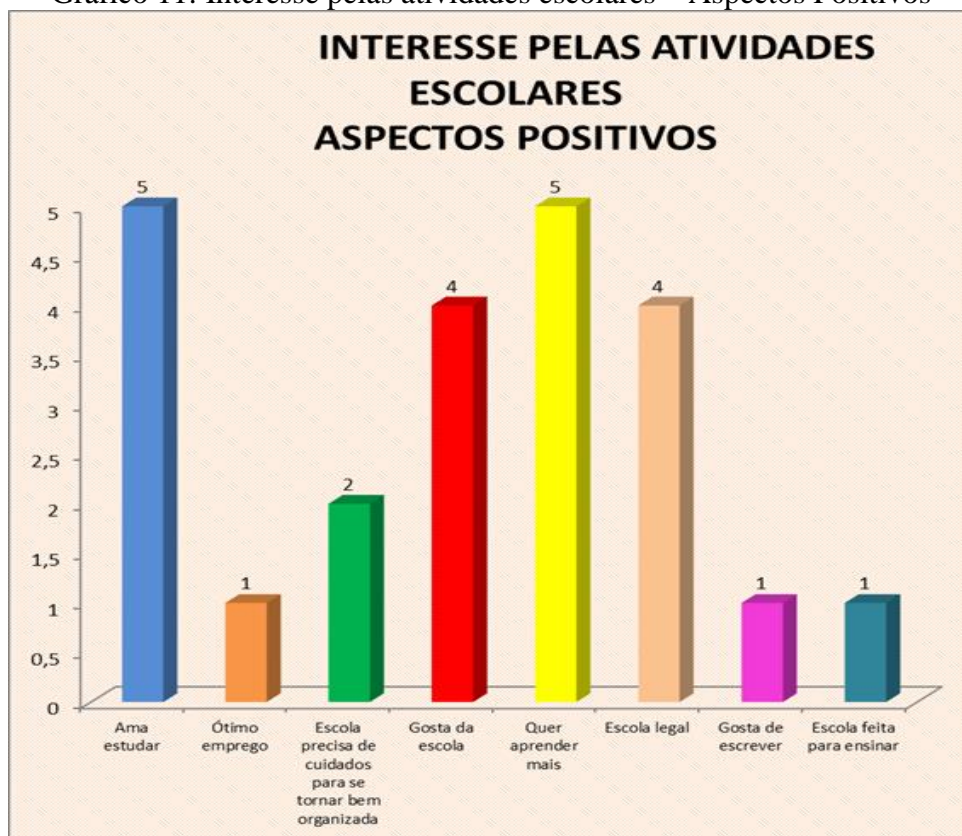
Quanto ao interesse pelas atividades desenvolvidas na escola é visível que a grande maioria é composta por alunos que estão ali por se interessarem e gostarem das atividades propostas. Preocupante é a quantidade de alunos (4), ou seja, (17%) que afirmam não apresentar nenhum interesse em estar na escola.

Aqueles que dizem ter interesse apontam vários aspectos positivos para a continuidade no ambiente escolar. Os demais apontam aspectos que, para eles, são motivo para o desinteresse com as atividades escolares.

Por quê?

Os aspectos positivos apontados pelos estudantes para o interesse pelas atividades escolares permeiam vários caminhos:

Gráfico 11: Interesse pelas atividades escolares – Aspectos Positivos



Fonte – Questionários dirigidos aos alunos

Nota-se que os estudantes mesclam aspectos pessoais com outros voltados à estrutura escolar como um todo. Se para alguns o interesse maior tem cunho individual, existem outros que pensam a escola como ambiente coletivo, que necessita de cuidados para poder desempenhar seu papel principal que é o ensinar.

Existem estudantes que listaram aspectos negativos, que levam ao desinteresse pelas atividades escolares, da seguinte forma:

Gráfico 12: (Des)interesse pelas atividades escolares – Aspectos Negativos



Fonte – Questionários dirigidos aos alunos

Aqueles que afirmam que a escola e suas atividades apresentam somente aspectos negativos migram dos aspectos pessoais como a falta de esforço pessoal, a falta de atenção e o não gostar da escola, pois acham que é um ambiente chato, para aqueles aspectos relacionados à ausência dos pais no processo de ensino e aprendizagem, e ainda, aqueles aspectos que dizem respeito à prática docente, rotulando as professoras de “chatas”.

Ninguém desconhece que a falta do amparo familiar, mais precisamente, a carência afetiva durante a infância, pode conduzir a uma deterioração integral da personalidade, e conseqüentemente do comportamento. Segundo ensinam os psicólogos, os cuidados maternos são tão indispensáveis para o futuro da criança que, na sua falta, se encontram as raízes fundamentais do desajuste infantil, que acabam no adulto desajustado. Quando o relacionamento familiar é precário, certamente irá influenciar nos relacionamentos sociais de seus membros, principalmente dos filhos, o que se pode observar quando os estudantes citam a ausência dos pais ou responsáveis no ambiente escolar como uma das causas da indisciplina.

5- Na sua escola são realizadas atividades para combater a indisciplina?



Gráfico 13: Frequência de atividades para combater a indisciplina na escola

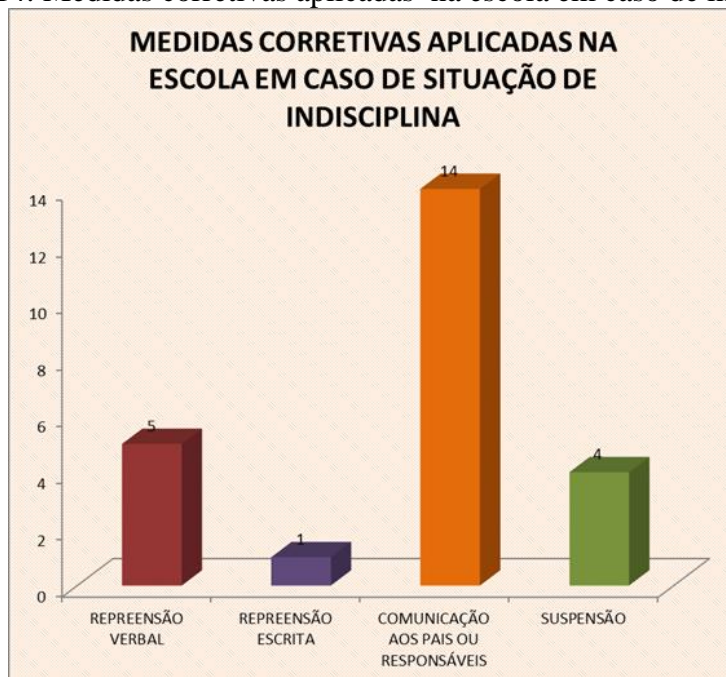


Fonte – Questionário dirigido aos alunos

Observamos que os estudantes, de uma forma ou outra, têm consciência de que a escola usa táticas para minimizar as ações de indisciplina no ambiente escolar. Quanto à frequência dessas ações, pensam que elas são muito frequentes (44%), pois parece estarem acostumados a observar essas atitudes colocadas em prática, inclusive citando quais práticas são mais comuns.

6 – Quais as medidas corretivas que são aplicadas na sua escola em situação de indisciplina

Gráfico 14: Medidas corretivas aplicadas na escola em caso de indisciplina



Fonte – Questionário dirigido aos alunos

Interessante perceber que os estudantes apontam a comunicação aos pais ou responsáveis como a principal medida aplicada pela escola em relação às situações de indisciplina, pois os mesmos no gráfico nº 4B - (Des) interesse pelas atividades escolares – Aspectos Negativos-, apontam que os mesmos são ausentes à escola, e segundo eles, não se interessam pelos filhos.

A partir desta constatação, podemos afirmar que tal medida torna-se ineficaz, pois comunica fatos ocorridos dentro da escola, para pessoas que não demonstram preocupação com o que ocorre no interior da mesma.

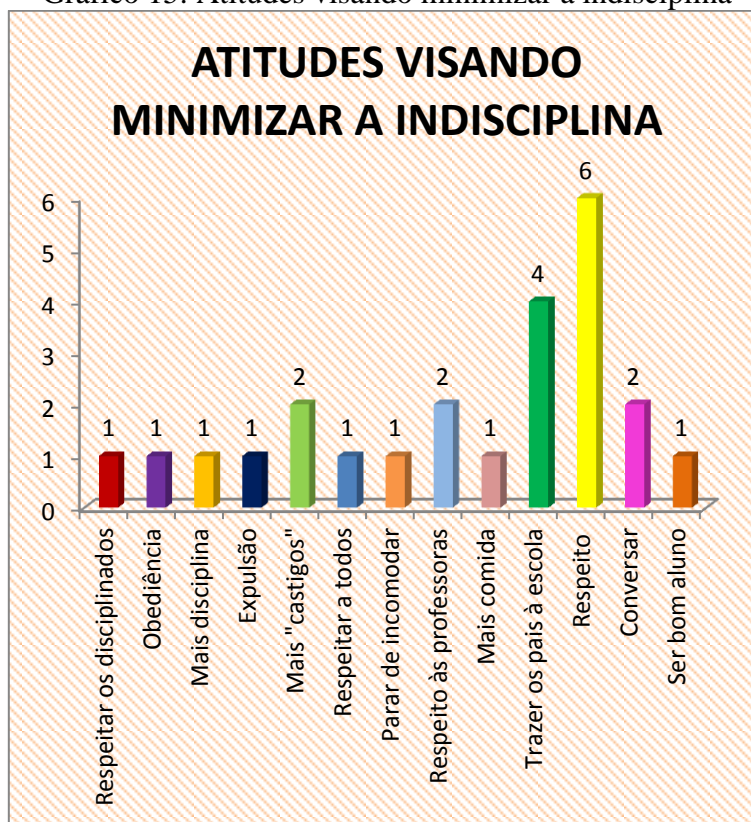
Por outro lado, parece demonstrar um desejo de que a participação dos pais seja mais efetiva.

Moran (2007, p. 56), complementa essa linha de pensamento ao afirmar que:

os processos de conhecimento dependem profundamente do social, do ambiente cultural onde vivemos, dos grupos com os quais nos relacionamos. A cultura em que mergulhamos interfere em algumas dimensões da nossa percepção. O desafio de educar é o de ir construindo pontes entre universos de significação diferentes, entre formas de compreensão contraditórias e de comunicação divergentes.

7 – Cite uma ação que você acha mais importante para combater a indisciplina na escola:

Gráfico 15: Atitudes visando minimizar a indisciplina



Fonte – Questionário dirigido aos alunos

É preocupante quando os estudantes afirmam que táticas truculentas como os “castigos”, a expulsão ainda sejam formas usadas de trazer paz à sala de aula, pois para promovê-la se usamos de meios tão tradicionais que excluem ao invés de incluir as crianças em um ambiente saudável?

Os próprios estudantes apontam os caminhos para que a indisciplina possa atingir mínimos índices em sala de aula. Para eles, em primeiro lugar deve ser estabelecido o respeito a todos, a promoção da conversa entre os envolvidos, a obediência às regras e combinados, culminando com disciplina no amplo sentido da palavra, quesitos básicos para que se alterem os caminhos da indisciplina.

Novamente verifica-se o desejo de trazer os pais para a escola e integrá-los no trabalho escolar.

#### 4.2.1 Aglutinando ideias a respeito do estudante escondido atrás do questionário

Ao analisar os questionários preenchidos pelos estudantes percebe-se que os mesmos são pré-adolescentes ou adolescentes que, na grande maioria, gostam de estar



na escola e das atividades que ali são desenvolvidas. Jovens que enxergam na escola a oportunidade de se tornarem pessoas melhores.

Cientes de que a indisciplina existe e que atrapalha a todos, sabem que existem alternativas para que esses atos de insubordinação e revolta se tornem menores e menos prejudiciais, no ambiente escolar.

Reconhecem que se faz necessário maior esforço próprio, dedicação e vontade para aprender e tornar a escola um ambiente prazeroso e onde gostem de estar.

Em nenhum momento culpam outras pessoas ou os profissionais com os quais convivem, pelas próprias falhas e faltas. Afirmam que algumas das professoras são “chatas” e que suas atividades podem receber a mesma denominação, mas não desabonam o trabalho das mesmas. Não questionam quanto aos conteúdos e métodos utilizados durante as aulas, mesmo dizendo que elas são “chatas”.

Nesse caso, caberá aos professores encontrarem as melhores táticas para vencer o desafio maior da educação contemporânea que é ensinar para aqueles estudantes que não querem aprender.

Há que se prestar atenção em suas palavras quando se referem a não participação dos pais ou responsáveis na escola. Deixam transparecer a insegurança própria da idade. Idade em que necessitam que alguém os oriente os acolha, e, junto “assuma as broncas”, que a escola lhes passa em casos de indisciplina. Parece-nos, que neste momento, pedem “socorro”, para aqueles que deveriam estar sempre ali para protegê-los, orientá-los, mas que se tornaram ausentes, em algum dia de suas vidas escolares.

Arroyo (2010, p. 112), fala da formação do sujeito, afirmando que,

formamo-nos como sujeitos sociais e culturais situados, colados a um lugar, a um espaço e tempo, a práticas concretas. Toda formação e aprendizagem é culturalmente situada. É atividade, é contexto, são recursos, formas e procedimentos que dão à mente sua forma, que nos dão forma. Nos formamos situados. Em um lugar e um tempo. Estamos demasiado preocupados com o que aprenderão os alunos, em definir conteúdos mínimos que sirvam de referência para passar ou não de ano ou de ciclo. A questão central deveria ser como se desenvolve e se vive a vida mental.

Talvez, o caminho para promover a “mágica” que venha conscientizá-los a respeito da importância de prosseguirem em seus estudos e terem sucesso, ocorra quando a escola, como um todo, passe a utilizar as ferramentas e estratégias que tornem os estudantes mais responsáveis, interessados e participativos. Assim, com “novos” estudantes, a sala de aula sofre a transformação em relação à disciplina X indisciplina, pois, a partir disso teremos mudado o jeito de encará-los como sujeitos capazes, o jeito

de “dar” aulas e, principalmente, o jeito de “ver-se” e “sentir-se” parte atuante dentro da escola.



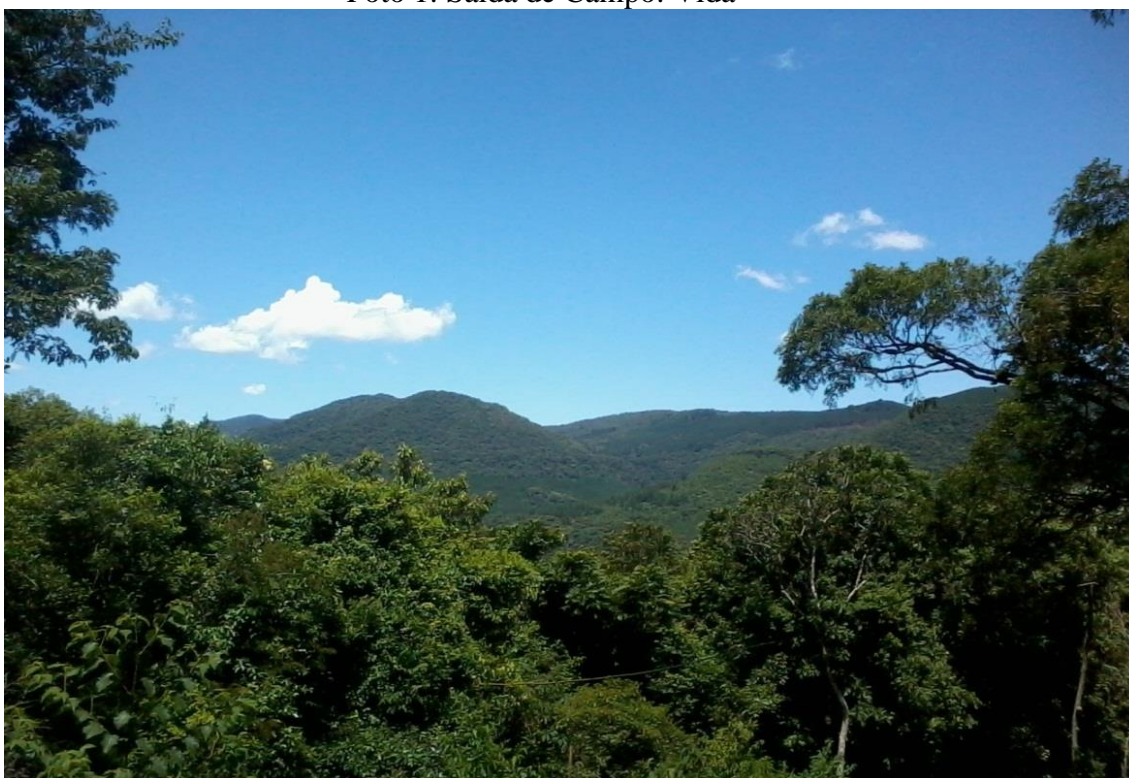
## **Capítulo V – Fotografando o próprio mundo**



Como parte integrante do presente relato, apresenta-se o resultado da saída de campo com os alunos com a finalidade de fotografar fatos significativos para cada um. Com esta atividade obteve-se as seguintes imagens, que foram legendadas pelos próprios alunos.

### **5.1 Saída de campo para fotografar a comunidade;**

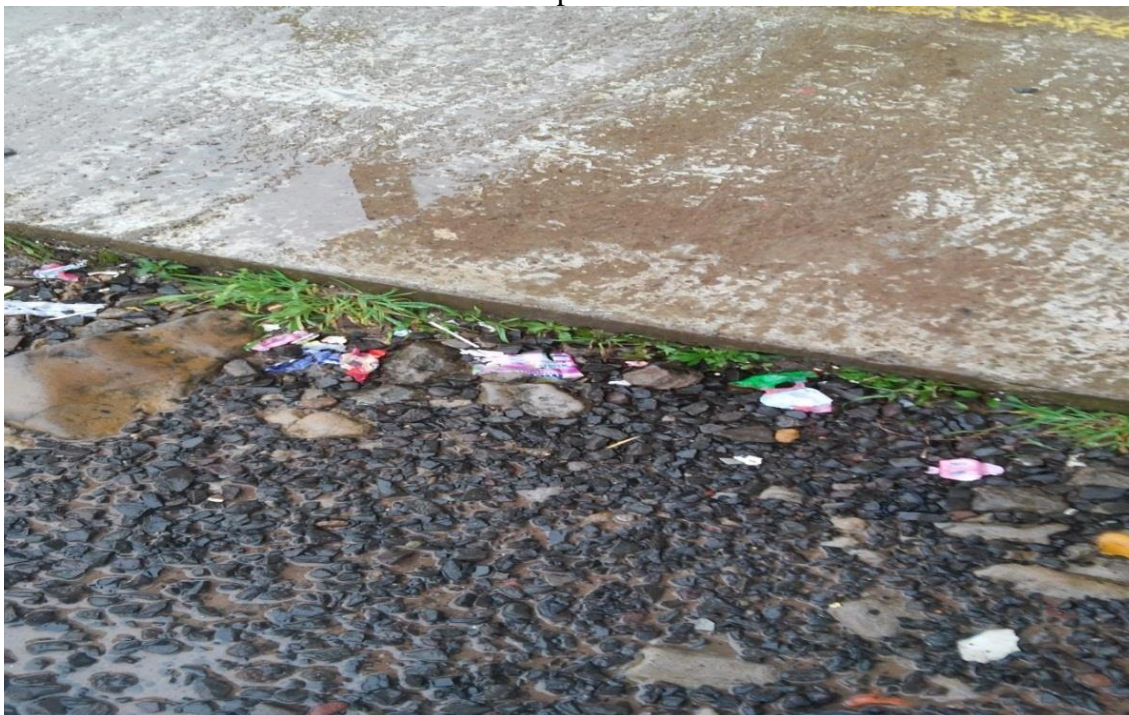
Foto 1: Saída de Campo: Vida



Produzida por P..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 2: Saída de Campo - Lixo na escola



Produzida por R..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 3– Saída de Campo - Amizade Entrelaçada



Produzida por A..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor



Foto 4 Saída de Campo - A procura do Sol



Produzida por M..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 5: Saída de Campo - Andando por aí...



Produzida por L..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor



Foto 6: Saída de Campo - Um lugar para morar



Produzida por J..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 7: Saída de Campo - Amizade



Produzida por T..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

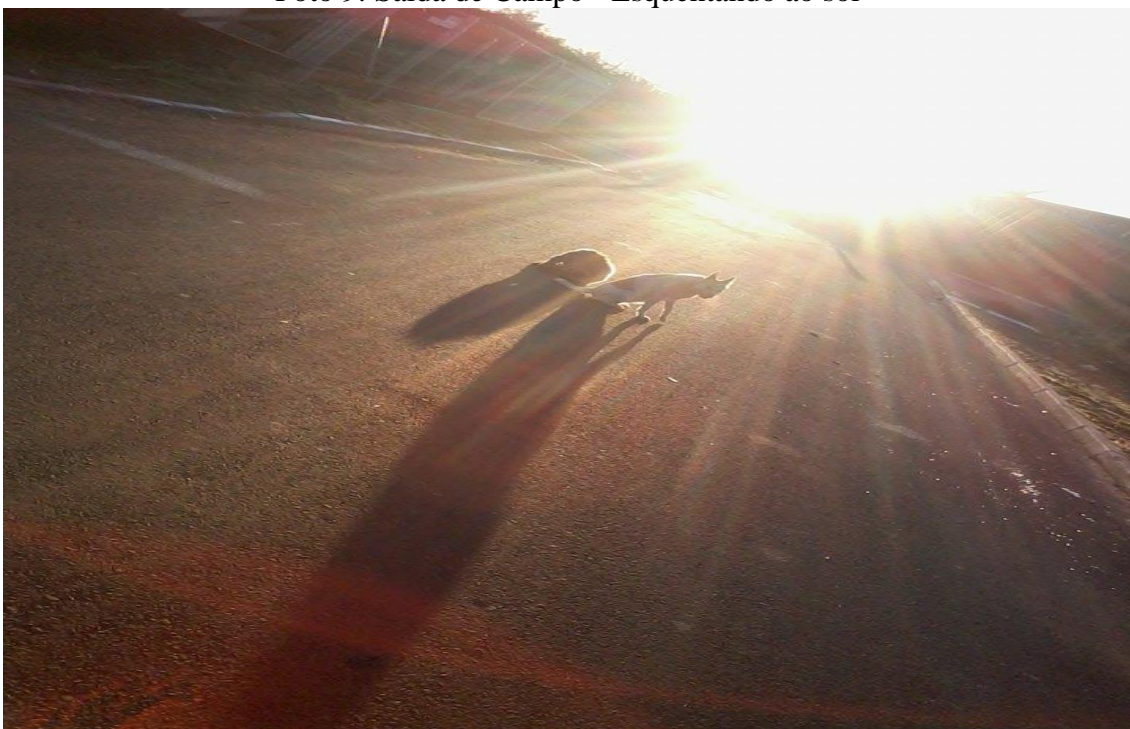
Foto 8: Saída de Campo - Rodando



Produzida por I..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 9: Saída de Campo - Esquentando ao sol



Produzida por B..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor



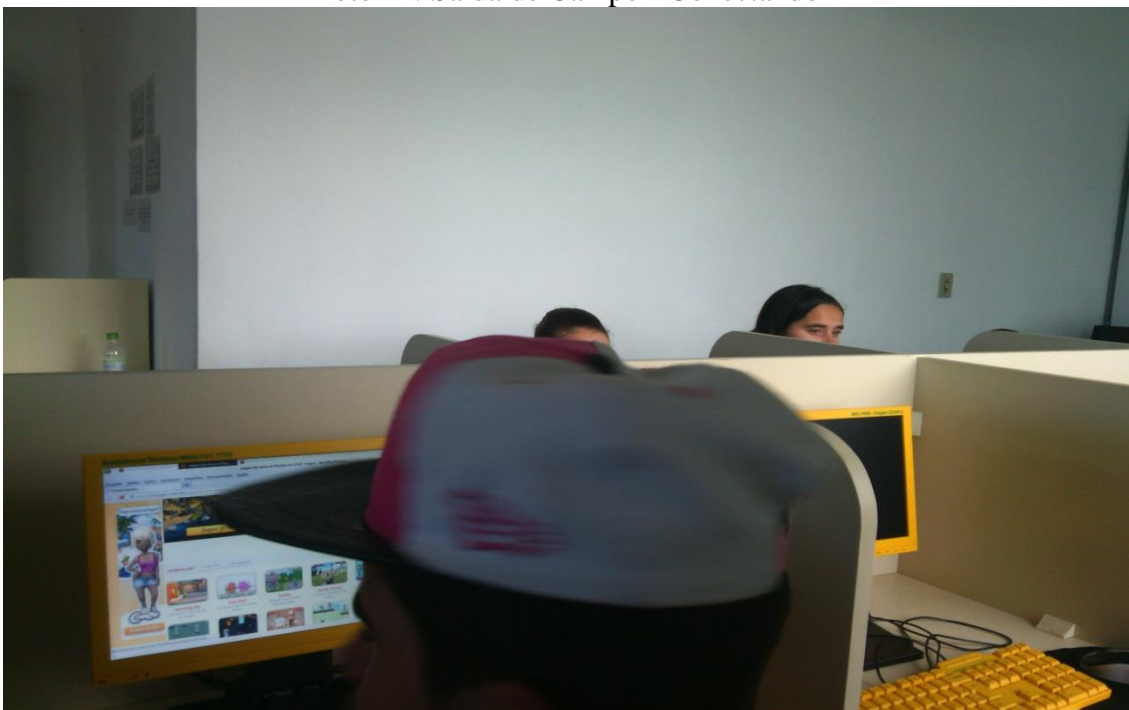
Foto 10: Saída de Campo - Natureza e vida



Produzida por V..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 11: Saída de Campo - Conectando



Produzida por B..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

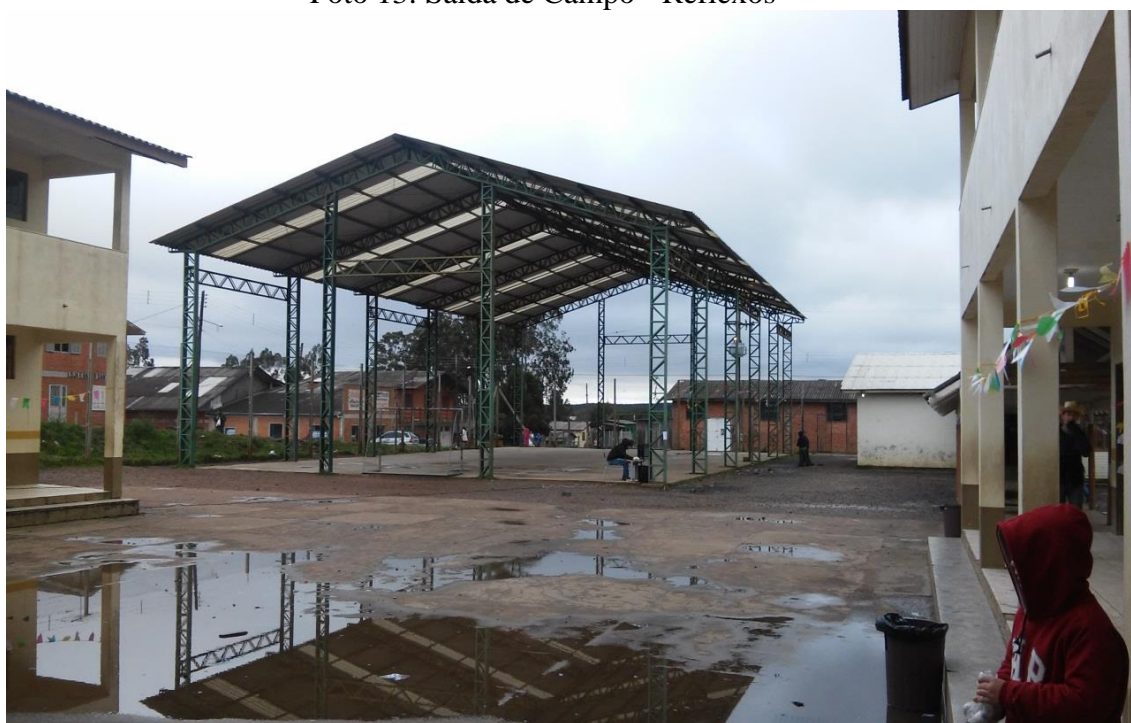
Foto 12: Saída de Campo - Pesquisando



Produzida por C..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 13: Saída de Campo - Reflexos



Produzida por J..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor



Foto 14: Saída de Campo - Resultado da chuva na escola



Produzida por F ..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 15: Saída de Campo - Festa na Escola



Produzida por L2 ..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 16: Saída de Campo - Procurando a sorte



Produzida por G..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 17: Saída de Campo - Aprendendo



Produzida por M..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor



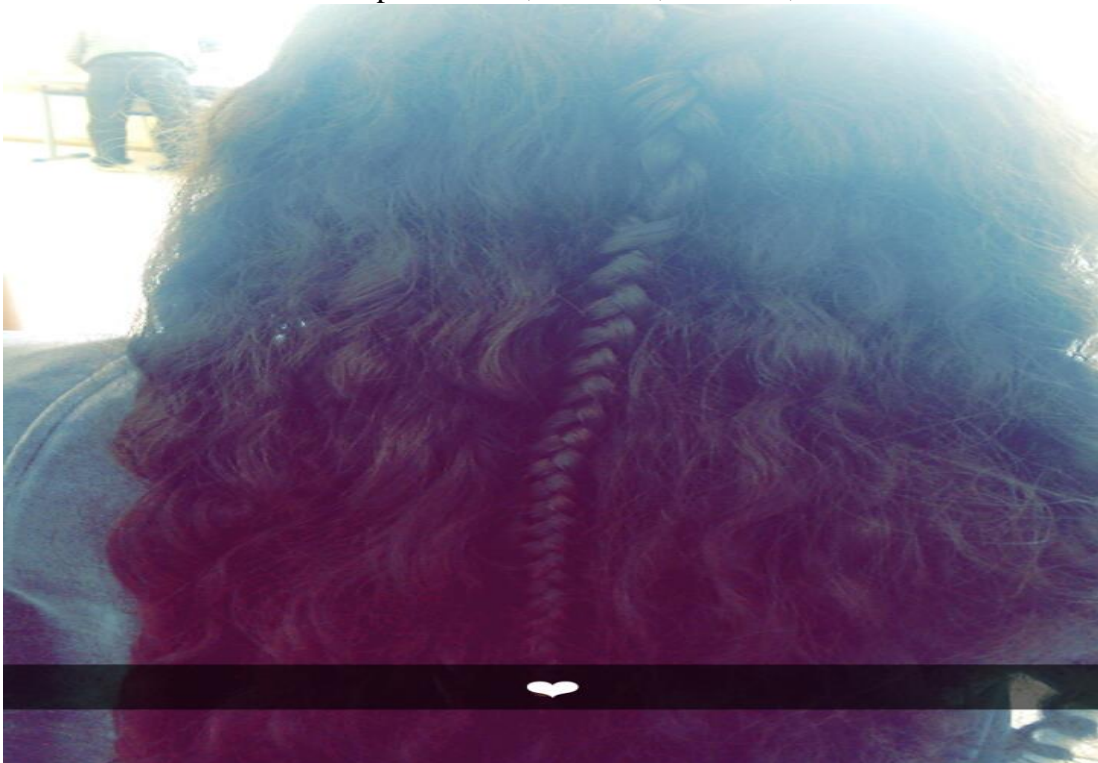
Foto 18: Saída de Campo - Em rede



Produzida por B..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 19: Saída de Campo - Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada



Produzida por J..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

Foto 20: Saída de Campo - Observando



Produzida por P..

Fonte:Arquivo de dispositivo móvel do autor

## **5.2 Exposição Fotográfica**

Com o intuito de divulgar o trabalho desenvolvido junto aos alunos do oitavo ano, promoveu-se a exposição das fotografias registradas pelos mesmos. O espaço utilizado para o evento foi a própria sala de aula, o que facilitou a divulgação das fotografias.

Foram convidados os alunos das outras turmas a fim de prestigiarem o trabalho desenvolvido. Tal relato deu-se no turno de aula dos alunos, ficando as imagens expostas para apreciação dos alunos no turno da tarde.



Foto 21: Exposição Fotográfica



Fonte:Arquivo de dispositivo móvel da mestrand

Foto 22: Exposição Fotográfica



Fonte:Arquivo de dispositivo móvel da mestrand

Foto 23: Exposição Fotográfica



Fonte:Arquivo de dispositivo móvel da mestrand

Foto 24: Exposição Fotográfica



Fonte:Arquivo de dispositivo móvel da mestrand

Foto 25: Exposição Fotográfica



Fonte: Arquivo de dispositivo móvel da mestrandia

### **5.3 Imprevistos**

Infelizmente nem tudo ocorreu como previsto: a exposição fotográfica deixada na sala de aula, no dia seguinte, contava com várias das fotos rasgadas, riscadas. Questionados sobre o acontecido, os alunos foram enfáticos ao afirmar que as fotografias foram destroçadas pelos colegas do turno da tarde.

A direção da escola, quando informada, recolheu os pedaços das fotos informando que tomaria as providências necessárias para que tal fato não voltasse a ocorrer.



Foto 26: Vandalismo - Fotos Rasgadas



Fonte:Arquivo de dispositivo móvel da mestrand

Foto 27: Vandalismo - Fotos Riscadas



Fonte:Arquivo de dispositivo móvel da mestrand

Foto 28: Vandalismo - Fotos Riscadas



Fonte:Arquivo de dispositivo móvel da mestranda

Após o incidente, novas fotos foram impressas e organizou-se uma nova exposição, pois entendemos que não seria justo que o trabalho fosse interrompido de forma tão brusca e desagradável. Pode-se observar que os alunos, apesar de indignados com os colegas, ficaram satisfeitos em refazer /reapresentar suas produções.

#### **5.4 (Re) Pensando As Atividades Desenvolvidas**

Aprendemos pelo prazer, por que gostamos de um assunto, de uma mídia, de uma pessoa. O jogo, o ambiente agradável, o estímulo positivo podem facilitar a aprendizagem (MORAN, 2000,p24).

O projeto desenvolvido trouxe-nos a convicção de que, somente pela interação e pelo contato direto com tudo que nos rodeia, captamos mensagens, revelamo-nos e ampliamos nossa percepção externa, facilitando a melhor compreensão do mundo e dos outros. Trabalhar com imagens demonstrou ser um excelente meio para promover junto aos alunos os processos de interação e interiorização, pois os auxiliou a desenvolver esses processos, principalmente, no que se refere aos fatores voltados ao comprometimento e a autoria.

Quando falamos em fotografia precisamos fugir da associação imediata que existe entre câmara fotográfica e representação mecânica do mundo exterior. Precisamos compreender que o processo da fotografia sempre é resultado de uma série

de escolhas, principalmente no que se refere ao ser ou não “memorável”, para esta ou aquela pessoa. Cada um determina se quer ou não reter e divulgar para a posteridade suas imagens, suas visões e conflitos de interesse.

A fotografia traz em si a premissa da construção do discurso próprio pelo aluno conferindo-lhe autoria. Retrata a hora e o sentimento, representados através da imagem, constituindo-se em expressão verdadeira e significativa do discurso apresentado. Assim, não se pode considerar que as imagens sejam mera reprodução, pois trazem em si a linguagem particular de quem as captou. Se há objetividade ou veracidade na imagem capturada, somente o autor poderá imprimi-las, através do discurso.

Como forma de expressão e de comunicação, utilizando-se de linguagem própria, a fotografia relaciona-se profundamente com a história de vida, oferecendo uma multiplicidade de pontos de vista sobre a realidade. Os alunos demonstram através das mesmas, sua realidade pessoal, mostrando seus pontos de vista e desvelando um pouco de sua vida como adolescentes que buscam compreender a sociedade em que vivem.

O documento fotográfico quando “desconstruído” pelos olhos do outro, retrata o quanto a memória individual está entrelaçada à memória coletiva e à história. Por isso, pensamos como Moran (2000, p.23), quando afirma que aprendemos quando interagimos com os outros, quando interiorizamos, quando nos voltamos para dentro, fazendo nossa própria síntese, nosso reencontro do mundo exterior com a nossa reelaboração pessoal.

Fotografar tornou-se meio pedagógico para atingir os alunos de forma diferenciada, deixando que manifestassem suas ideias, anseios e principalmente, seu modo de interpretar a própria realidade e a sociedade em que estão inseridos. Proporcionar tais atividades trouxe-nos a certeza de que o uso de outras tecnologias é uma das formas de tornar a escola diferente e prazerosa para os jovens que a frequentam.



## **Capítulo VI- Avaliando o Projeto Desenvolvido**





Após a conclusão do projeto Fotografia – um novo olhar do mundo: Um estudo em uma Escola de Ensino Fundamental em São Francisco de Paula, partiu-se para o processo de avaliação das atividades desenvolvidas.

Enquanto processo avaliativo levou-se em consideração os preceitos trazidos por Hoffmann (2001, p.10), que afirma:

A avaliação é substancialmente reflexão, capacidade única e exclusiva do ser humano, de pensar sobre seus atos, de analisá-los, julgá-los, interagindo com o mundo e com os outros seres, influenciando e sofrendo influências pelo seu pensar e agir. Não há tomada de consciência que não influencie a ação. Uma avaliação reflexiva auxilia a transformação da realidade avaliada.

Buscando a reflexão sobre as atividades desenvolvidas propusemo-nos a:

- a- Criar uma página no *facebook* para que as pessoas pudessem expressar suas opiniões, avaliando o que foi desenvolvido;
- b- Divulgar a página criada, incentivando os demais professores a acessá-la e contribuir com suas opiniões;
- c- Incentivar os estudantes a acessá-la, lendo as contribuições trazidas pela mesma, bem como postar suas próprias interpretações a respeito do trabalho do qual fizeram parte.

Na sequência, trazemos a cópia do que foi postado sobre o projeto.

Como se pode observar, as contribuições dos professores foram significativas, no intuito de incentivar os estudantes a continuarem fortalecendo seu processo de aprendizagem.

Os estudantes, mais sintéticos em suas falas, demonstraram a satisfação em participar de atividades diferenciadas e como isso influenciou o dia-a-dia escolar.

O trabalho desenvolvido não trazia em si a promoção de novos aprendizados curriculares, mas a busca pela minimização do processo de indisciplina dentro do ambiente escolar. Hoffman (2001, p.65), reitera que tais projetos são interessantes, pois:

Nem todas as situações de sala de aula ou tarefas realizadas pelo aluno tem por objetivo a verificação de suas aprendizagens, podendo absorver diferentes dimensões avaliativas. O que define tal dimensão são as intenções do educador ao propor a tarefa, bem como sua forma de proceder frente ao que ele observa.

Assim, considera-se que o projeto proposto atingiu seus objetivos, a partir do momento em que trouxe aos estudantes a oportunidade de pensarem a escola de forma diferente, como local onde se pode participar de atividades prazerosas e que trazem consigo significado para a vida pessoal/grupal. Atividades que proporcionam a expressão plástica e verbal, dando vazão às interpretações muito próprias dos jovens, pois a escola como espaço que privilegia a construção da cidadania deve propiciar sempre as oportunidades para que os estudantes mostrem seu potencial.

Freire (1982, p.96), afirmava que pensar não é fácil nem inofensivo. Em muitas situações, subverte a ordem, tira o sono, quebra o estabelecido e provoca muito medo. E é necessário pegar o medo para começar a construir a coragem.

## **Conclusão**



Vivemos na sociedade da informação. Uma sociedade que prima pelo conhecimento. Conhecimento esse que não pode continuar sendo aquele confinado à sala de aula, aos modelos convencionais de ensino e de aprendizagem. A escola precisa modificar-se, atualizando currículos e educadores. Precisa tornar-se espaço para múltiplas e ricas aprendizagens, espaço que inclua todos os alunos em busca do objetivo principal, ou seja, uma educação de qualidade. Há que se adotarem diferentes processos, mais flexíveis, menos prontos e impositivos, em que os professores se tornem mediadores, orientadores e não transmissores de conhecimentos formatados. Profissionais esses que busquem desenvolver projetos, pesquisa, colaboração, individual/grupal, tornando os estudantes, seres interessados nas próprias descobertas e aprendizados. As atividades antes somente presenciais podem/devem, aos poucos, ser substituídas por atividades virtuais, incentivando o uso da tecnologia da informação de forma constante, no ambiente escolar.

A preocupação com o ensino de qualidade não pode ser maior do que a educação de qualidade. O foco da educação de qualidade, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, obtendo uma visão de totalidade, onde a práxis seja uma constante. Se pretendermos contribuir para que a sociedade em que vivemos realmente mude, precisamos educar, no amplo sentido da palavra, ou seja, integrando todas as dimensões da vida, procurando e encontrando diferentes caminhos intelectuais, emocionais, profissionais, sem esquecer da compreensão das áreas específicas do conhecimento que se tornarão mais facilitadas se já tivermos tido as necessárias vivências para aprendê-las.

O principal objetivo da educação é o constante desenvolvimento humano, tendo como missão permanente a de contribuir para o aperfeiçoamento das pessoas numa dimensão ética e solidária. Para que isso possa se efetivar, a educação deve estar calcada sobre quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a viver juntos, aprender a fazer e aprender a ser.

Todos interligados logicamente, reafirmando a concepção de totalidade dialética do sujeito, que começa pelo autoconhecimento para se abrir, em seguida, a relação com o outro. Essa concepção de educação precisa ser trabalhada por todos, pela escola, pela família e pela sociedade. Há que se estabelecer uma visão transdisciplinar, que partilhe universalmente o conhecimento, colocando em prática uma visão transcultural, transreligiosa e transnacional.

É inegável que a educação humana só ocorre quando permeada pelo diálogo e interação entre humanos. Não existe escola silenciosa e se ela aparentemente se mantém sobre esta base, poderemos estar ensinando somente saberes fechados, competências úteis, dificultando o domínio das múltiplas linguagens bem como a capacidade de aprender os significados da cultura, podendo desta forma dar vazão as mais diferentes formas de indisciplina.

No entanto, se a escola decide trabalhar através das capacidades “abertas”, ou seja: o convívio social, ética, a cultura, as identidades, os valores da cidade, do trabalho, da cidadania, relações sociais de produção, os direitos, o caráter, as condutas, a integridade moral, entre outro, o aprender a aprender, aprender a sentir, a ser, estará promovendo o verdadeiro reencontro com o sentido da docência. Isso tudo sempre fez parte do trabalho através da pesquisa, da curiosidade, da problematização.

Para tanto, se a escola realmente pretende realizar um trabalho “diferenciado”, como o que foi proposto e aqui descrito, precisamos contar com educadores diferenciados que apontem aos alunos formas concretas de realização humana.

Moran (2000, p. 17), afirma que as mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador.

A imagem mais passiva do ensino da adolescência e da juventude está mudando. Já se encontram jovens que pesquisam, produzem, registram e expõe suas ideias. Torna-se frequente encontrar salas dinâmicas, organizadas, com determinação e cumprimento de tarefas por diferentes grupos. Admiram sua produção. Têm orgulho de mostrá-la. *“Nós fizemos, planejamos, pesquisamos. Nós decidimos fazer dessa maneira...”*.

Os alunos, afirmam que já não precisam de professores que apenas tragam informações, pois o Google é mais rápido e mais eficaz. Não precisam mais de quadros verdes, ou mesmo de livros, para apenas copiar textos e depois reproduzir em provas e trabalhos, pois um simples CTRL+C seguido de um CTRL+V fazem isso. Querem mais ação, rapidez, objetividade, interatividade, mobilidade, socialização, desafios.

Se o professor vê no estudante um ser capaz de acreditar em si mesmo, estar seguro, valorizar-se como pessoa, será mais fácil trabalhar limites, disciplina, equilíbrio entre direitos e deveres, a dimensão grupal e social.

O projeto Fotografia – um novo olhar do mundo: Um estudo em uma Escola de Ensino Fundamental em São Francisco de Paula, trouxe contribuições no sentido de

promover junto aos estudantes meios para que os mesmos alcançassem a autonomia progressiva, a buscaos próprios referenciais e, fotografando, imprimir suas impressões a respeito do mundo onde vivem.

Quanto às questões disciplinares, foco principal do trabalho desenvolvido, durante a execução do projeto, não houve qualquer indício de atos de insubordinação ou desrespeito com a professora. Os estudantes, demonstraram ser muito unidos, prestativos, comprometidos, superando todas as expectativas que se tinha em relação ao comportamento do grupo.

Quanto à decepção em ver seu trabalho destruído pelos colegas, cabe salientar que demonstraram sua insatisfação de forma oral, pois como sempre foram taxados de indisciplinados, se viram, agora, no papel de vítimas. Vítimas com direito a expressar sua indignação, mesmo que se direcionando seus protestos somente a professora responsável pelo projeto.

Acreditamos que se educa pela positividade e não pela imposição. Que não se pode salientar os problemas, os erros, a falta de limite, mas sim apontar os aspectos positivos, fazendo-os aflorar no dia-a-dia, buscando o comprometimento de todos que estão engajados no projeto, de forma a delinear um trabalho grupal que culminou com o sucesso do projeto empreendido.





## **Referências Bibliográficas**



## Referências Bibliográficas

ANTONIO, J.C. Professor X Inovação: uma batalha perdida?, Professor Digital, SBO, 10 jun. 2010. Disponível em: <https://professordigital.wordpress.com/2010/06/10/professor-x-inovacao-uma-batalha-perdida/>. Acesso em: 19/09/2015

AQUINO, J. G. A Indisciplina e a Escola Atual. Revista Fac. Educ. Vol.24, n.2, São Paulo. Jul/Dez.1998. 14 p. Disponível em: . Acesso em: 12 de janeiro de 2011.

AQUINO, J. G. A indisciplina e a escola atual. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 24, n. 2, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 19/09/2015.

ARAÚJO, U. F. Disciplina, indisciplina e complexidade do cotidiano escolar. In: Oliveira, M. K.; Rego, T. C. e Souza, D. T. Rego(orgs) – Psicologia, Educação e as Temáticas da Vida Contemporânea. São Paulo, Moderna. 2002.

ARAUJO, U. F. Respeito e Autoridade na Escola. In AQUINO, J.G.(Org.). Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas. 4ed. São Paulo: sammus, 1999. P. 31-48

ARROYO, Miguel G. -Ofício de Mestre – Imagens e autoimagens. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo/Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria. /Tradução Carlos Alberto Medeiros- Rio de Janeiro: Ed .Zahar, 2008.

.

BARTHES, ROLAND. A câmara clara: nota sobre a fotografia / Roland Barthes: tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRAGA, Botega, SouzaA TECNOLOGIA FOTOGRÁFICA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS Simone Botega – PibLic/UFLA Clélio Braz de Souza – PIBIC/UFLA 2015.VIII Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação • (Junho/2015)

CÂNDIDO, Antônio. “O direito à Literatura”. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs). A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). Teoria da literatura: formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1973.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LARROSA, Jorge. Déjame que te cuente. Barcelona: Editorial Laertes, 2008.

DELORS, Jacques. La educación encierra um tesoro. Informe a la UNESCO de la Comisión Internacional sobre la Educación para el siglo XXI. 1999.

DEMO, P. Professor do futuro e reconstrução do conhecimento. 2ª ed; Petrópolis(RJ): Vozes, 2000.

DEMO, P. A nova LDB – ranços e avanços. São Paulo: Papirus, 1996

DOLL JR. W. Currículo: uma perspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DUTRA, C. Interdisciplinaridade: a construção de novos valores sociais na pós-modernidade

DEMO, P. A nova LDB – ranços e avanços. São Paulo: Papirus, 1996.

FAZENDA, I. C. A interdisciplinaridade: historia, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.

- FILÉ, Valter. Novas Tecnologias, Antigas Estruturas de produção de desigualdades. IN FREIRE, Wendel (org.). Tecnologia e Educação: as mídias na prática docente. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2011. p. 35-47.
- FOUCAULT, M. 1987. Vigiar e punir. 11ª ed., Petrópolis, Vozes, 277 p.
- <<http://revistaescola.abril.com.br/formação/disciplina-503228.bhtm/>> Acesso em: 06/10/2015
- HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover – As setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001
- JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas: Papirus, 2006.
- KOSSOY, B. Fotografia e história. São Paulo: Ática, 1989. MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAMPERT, Ernâni(org). Pós-modernidade e conhecimento - educação, sociedade, ambiente e comportamento humano.- Porto Alegre: Sulina, 2005
- LE GOFF, Jacques. Documento-monumento. In: LE GOFF, J (org.), Memória-História. Enciclopédia Einaudi, vol.I. Lisboa: Casa da Moeda, 1984.
- LUDKE, M. e André, M.E.D.A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Editores Associados, 1982
- LUDKE, M. e André, M.E.D.A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- LUCK, H. Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos. 8ª ed. Petrópolis(RJ): Vozes, 2000.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos – Novos desafios e como chegar lá. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica/ José Manuel

MORAN, Marcos T. Masseto, Marilda Aparecida Behrens. – Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel, A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá- Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORIN, Edgar. O método 4. As ideias: habitat, vida, costumes, organização. Trad. Juremir Machado da Silva. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2001.

NAIFF L. A. M. Indisciplina e violência na escola: reflexões no (do) cotidiano Educação Unisinos 13(2):110-116, maio/agosto 2009 © 2009 by Unisinos - doi 10.4013/edu.2009.132.02 PINTO, Julio Pimentel. TURAZZI, Maria Inez. Ensino de História: diálogos com a literatura e a fotografia. – São Paulo: Moderna, 2012.

PATTO, M.H.S. 1990. A produção do fracasso escolar. São Paulo, T.A. Queiroz, 385 p.

RANCO, M. C. O mundo do trabalho em imagens. A fotografia como fonte histórica: conceitos fundamentais para a interpretação da imagem fotográfica. Relatório Final apresentado ao Projeto Integrado de Pesquisa (CNPq): UFF, 1998. .

SANTOMÉ, J. T. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. 67 ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VIDAL, Diana e ABDALA, Rachel Duarte. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. In: Revista e Educação, Santa Maria, v 30, nº02, 2005. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/3745/2149>.> Acessado em: setembro 2015.

**Anexos**





## **Anexo I – Questionário Dirigido aos Professores**

Prezado (a) Professor (a) Coordenador (a):

Solicito sua colaboração para o preenchimento deste questionário. “Suas respostas integrarão uma pesquisa sobre.” Fotografia- um novo olhar do mundo:

Um estudo em uma Escola de Ensino Fundamental em São Francisco de Paula”

A reflexão sobre os dados será desenvolvida em uma dissertação de Mestrado em Ciências da Educação promovido pela Universidade do Minho em Braga- Portugal. Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade da pesquisadora a confidencialidade dos dados.

Conto com sua importante participação. Grata desde já!

Questionário para o professor.

1) Há quanto tempo você é professor (a) nesta escola?

- ☐ 1 a 5 anos
- ☐ 5 a 10 anos
- ☐ 10 a 15 anos
- ☐ Mais de 15 anos

2) Gênero?

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

2) Qual sua escolaridade:

- ☐ Médio
- ☐ Superior
- ☐ Pós Graduação

3) A indisciplina dos alunos dos 6º anos dificulta seu trabalho de ensinar?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Como?.....  
.....  
.....

5) Você sente-se seguro pessoalmente em sua escola?

- ☐ Antes do trabalho
- ☐ Durante o trabalho
- ☐ Após o trabalho

Por quê?

-----  
-----  
-----

6) Para você, as dificuldades de aprendizagem dos alunos estão relacionadas :

- ☐ Aos conteúdos curriculares que são inadequados às necessidades dos alunos?
- ☐ À indisciplina dos alunos na sala de aula.
- ☐ Ao meio em que vivem.
- ☐ À falta de interesse dos próprios alunos.

7) Alguns desses fatos citados abaixo aconteceram nas turmas dos 6º anos no corrente ano. Marque (a) se aconteceu e (n) se não aconteceu.

- ☐ Você foi ameaçado(a) por algum aluno(a).
- ☐ Você foi agredido( a) verbalmente por algum aluno(a).
- ☐ Você teve algum aluno( a) sob efeito de drogas.
- ☐ Você teve algum aluno(a) sob efeito de álcool.
- ☐ Você teve aluno(a) portando arma branca. (faca, canivete, estilete.)

8) Como você, brevemente, definiria o interesse de seus alunos em assuntos relacionados ao uso da tecnologia?

-----  
-----  
-----

-----  
-----  
9) Qual a ação que você considerara mais eficaz para prevenir e combater com a  
indisciplina na em sua escola?

-----  
-----  
-----  
-----  
-----



## **Anexo II – Questionário Dirigido aos Alunos**

Prezado (a) Aluno(a).

Solicito sua colaboração para o preenchimento deste questionário. Suas respostas integrarão uma pesquisa sobre. “Fotografia Um Novo Olhar do Mundo em uma escola Municipal Ensino Fundamental de São Francisco de Paula” A reflexão sobre os dados será desenvolvida em uma dissertação de Mestrado em Ciências da Educação promovido pela Universidade do Minho em Braga- Portugal. Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade da pesquisadora a confidencialidade dos dados.

Conto com sua importante participação. Grata desde já, pesquisadora.

Questionário para o aluno.

1) Idade?

☐ 10 - 12 anos

☐ 12 - 14 anos

☐ 14 – 16 anos

☐ 16 – 18 anos

2) Gênero

☐ Maculino

☐ Feminino

3) Como define o ambiente sua sala de aula:

☐ Calmo

☐ Muito Calmo

☐ Barulhento

☐ Muito Barulhento

4)Qual interesse que você tem pela sua escola

☐ Nenhum Interesse

☐ Pouco Interesse

☐ Muito Interesse

Por quê?

---

---

---

5) Na sua escola são realizadas atividades para combater a indisciplina?

- ☐ Pouco Frequentemente
- ☐ Frequentemente
- ☐ Muito Frequentemente

6) Quais as medidas corretivas que são aplicadas na sua escola em situação de indisciplina:

- ☐ Repreensão verbal
- ☐ Repreensão escrita
- ☐ Comunicação aos pais ou responsáveis
- ☐ Suspensão

7) Cite uma ação que você acha mais importante para combater a indisciplina na escola:

---

---

---

---

---

8) Como você define o seu interesse em assuntos relacionados ao uso da tecnologia?

---

---

---

---

---

### **Anexo III – Autorização De Uso De Imagem**

#### Autorização

Eu..... responsável pelo aluno(a).....

....., autorizo o uso de imagens ou trabalhos realizados na turma dos 6ºs anos pelo(a) professor(a) Denise Elvira Araujo Dartora para fins educativos em relatório da dissertação do Mestrado, seminário, sites, outros.

Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local e Data





## Anexo IV - Página em Rede Social referente a Dissertação

Fotografia Castelo Branco

Denise Página inicial 12

Denise Araujo Dar...  
Editar perfil

FAVORITOS

- Feed de Notícias
- Mensagens 9
- Eventos
- Salvos

APLICATIVOS

- Jogos 20+
- Pet Rescue Saga
- Candy Crush Saga
- Candy Crush Sod...
- Farm Heroes Saga 9
- FarmVille 2 8
- Pasa Un Mate
- Bubble Wlch 2 S... 20+
- Fotos
- Feed de Jogos 20+

GRUPOS

- Compra, vende e ... 20+
- Fotografia Castel...**
- Novos grupos 2
- Criar grupo

AMIGOS

- Escola Municipal ...
- Melhores amigos
- Família
- São Francisco De ...
- Colégio Estadual J...
- Escola Estadual M...
- UFRGS
- Prefeitura Municp...

INTERESSES

- Páginas e figuras ...

PÁGINAS

- Feed de Páginas 20+
- Curtir Páginas
- Criar Página

EVENTOS

- Criar evento

**Fotografia Castelo Branco**  
Grupo fechado

Entrou Compartilhar Notific

Discussão Membros Eventos Fotos Arquivos

Procurar neste grupo


Publicar Foto/Video Enquete Arquivo

Escreva algo...

Fotografia Castelo Branco **Publicar**

ATIVIDADE RECENTE

**Denise Araujo** atualizou a foto do grupo.  
27 de outubro de 2015



Curtir Comentar

Ana Lúcia da Rosa e Sùh Oliveira curtiram isso.

Escreva um comentário...

**Denise Araujo**  
24 de outubro de 2015

Caros(as) Amigos(as)!

Com o intuito de avaliar a dissertação de Mestrado intitulada "FOTOGRAFIA – UM NOVO OLHAR DO MUNDO, criou-se esta página. Tal trabalho foi desenvolvido junto aos alunos do 8º ano da Escola C B, visando proporcionar atividades diferenciadas, para se observar se as mesmas ajudariam a minimizar os problemas de indisciplina no ambiente escolar.

As atividades desenvolvidas foram:


- Rodas de conversa sobre o desenvolvimento do projeto;... Ver mais

Curtir Comentar


Maria Tereza Machado curtiu isso. Visualizado por 4

Escreva um comentário...


**Denise Araujo**  
22 de outubro de 2015



SEUS JOGOS MAIS



JOGOS RECOMENDADOS MAIS



**Sueli Ribeiro Alves** curtiu

Fabio Dartora

Ana Lúcia da Rosa

Andressa Reis 1h

Nutricionista Kelly S... 1h

Maria Tereza Machado

Ana Cristina Araujo 1h

CONVERSAS EM GRUPO

André Dartora, Antonio C...

MAIS AMIGOS

Estes amigos não podem ver sua página pública

Pesquisar



[Curtir](#) [Comentar](#)

Chaili Rodrigues curtiu isso.

Visualizado por 5



Escreva um comentário...



**Denise Araujo** adicionou 2 fotos ao álbum "21 de outubro de 2015".

21 de outubro de 2015



[Curtir](#) [Comentar](#)

Ana Lúcia da Rosa curtiu isso.

Visualizado por 5



Escreva um comentário...



**Denise Araujo** criou o grupo.

21 de outubro de 2015

[Curtir](#) [Comentar](#)

Visualizado por 5



Escreva um comentário...



**Delicias LT**  
122.554 membros

[Participar](#)



**CAVALO CRIOLLO & NEGÓCIOS ( COBERTURAS, ANIMAIS, SERVIÇOS E INSUMO )**  
0 amigos · 2.773 membros

[Participar](#)



**Rio Grande do Sul minha Querência.**  
0 amigos · 28.638 membros

[Participar](#)

PÁGINAS SUGERIDAS

Ver tudo



**Fran - Depilações e Maquiagem**  
Spa, beleza e cuidados pessoais · 342 curtidas  
Nutricionista Kelly e outros 27 amigos

[Curtir Página](#)

[Português \(Brasil\)](#) · [Privacidade](#) · [Termos](#) · [Cookies](#) · [Anúncios](#) · [Opções de anúncio](#) · [Mais](#)

Facebook © 2016